



THAÍS MARIANE SALGADO

**DESTINOS DA MULHER A PARTIR DO COMPLEXO DE
ÉDIPO:
UM IMPASSE NA ARGUMENTAÇÃO DE FREUD SOBRE A
FEMINILIDADE**

LAVRAS – MG

2020

THAÍS MARIANE SALGADO

**DESTINOS DA MULHER A PARTIR DO COMPLEXO DE
ÉDIPO:
UM IMPASSE NA ARGUMENTAÇÃO DE FREUD SOBRE A
FEMINILIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao
colegiado do curso de licenciatura plena em filosofia da
Universidade Federal de Lavras, para a obtenção do título
de licenciada em Filosofia.

Orientadora:

Doutora Léa Silveira

LAVRAS – MG

2020

THAÍS MARIANE SALGADO

**DESTINOS DA MULHER A PARTIR DO COMPLEXO DE
ÉDIPO:
UM IMPASSE NA ARGUMENTAÇÃO DE FREUD SOBRE A
FEMINILIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
colegiado do curso de Filosofia da Universidade
Federal de Lavras, para a obtenção do título de
licenciada em Filosofia.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

Prof. _____

Prof. _____

Doutora Léa Silveira
Orientadora

LAVRAS-MG

2020

Ao Noah,

DEDICO

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Lavras (UFLA) e ao Departamento de Ciências Humanas (DCH), pela oportunidade concedida para a realização da graduação.

À professora Dr^a Léa Silveira, por ser inspiradora e generosa durante toda a minha graduação e orientação.

Aos professores do Departamento de Ciências Humanas da UFLA pela solicitude e dedicação.

Aos meus pais, Gilza e Rogério, e à minha irmã, Thaianne, pelo acolhimento incondicional, confiança e paciência neste trajeto acadêmico e na vida.

Ao companheiro, Thiago, pelo incentivo constante, por todo suporte e afeto. E, mais ainda, pela escuta atenciosa de todas minhas queixas e euforias ao longo da pesquisa.

Ao amigo de curso Marcos, pela compreensão e motivação, pelas prosas com café e momentos em que pude desfrutar de seu senso de humor único.

Aos companheiros de estudos, Amanda, Raí e João, pelas trocas em minha etapa final do curso.

“What’s a woman? I assure you, I do not know... I do not believe that anybody can know until she has expressed herself in all the arts and professions open to human skill”

Virginia Woolf

RESUMO

Seria a compreensão da sexualidade feminina, na perspectiva freudiana, uma tentativa já de saída carregada de aversão e menosprezo, uma vez que, de acordo com textos do próprio autor, os homens reagiriam às mulheres afetados por estas sensações? No intento de encontrar elementos textuais para responder esta questão, buscarei expor, em um primeiro momento, como o autor postula os caminhos possíveis para a sexualidade feminina, resultante do seu trajeto circunscrito no complexo de Édipo. Depois, faz-se necessário evidenciar como os homens são atingidos por este complexo e por fatores correlatos, tal como o pavor da castração no período da primazia do falo – estes fatores, segundo Freud, definiriam o modo pelo qual os homens compreendem e relacionam-se com as mulheres ao longo da vida. Após este percurso, apresentarei a formulação de Freud no que se refere ao complexo de castração na constituição do Supereu e como isto reverberaria, para o autor, na caracterização das mulheres enquanto moralmente inferiores e inaptas às atividades próprias da cultura. Por fim, retornarei com mais profundidade ao tema do complexo de Édipo e seu histórico na teoria psicanalítica freudiana, uma vez que este conceito e seus desdobramentos seriam a raiz dos impasses com o feminismo. Então, por fim, a análise dos textos de Freud que abordam este tema proporcionará, à luz de chaves de leitura propostas pelos comentadores mobilizados neste trabalho, alguns caminhos possíveis para uma crítica feminista da psicanálise freudiana.

Palavras-chave: Freud; psicanálise; sexualidade; complexo de Édipo; feminismo.

SUMÁRIO

PARTE 1 – MONOGRAFIA

1 . INTRODUÇÃO	9
2. SUPEREU E FEMINILIDADE	14
3. COMPLEXO DE ÉDIPO E SEXUALIDADE	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
5. BIBLIOGRAFIA	48

PARTE 2 - PLANO DE CURSO

6. INTRODUÇÃO	51
7. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA DO CURSO	51
8. CONTEÚDO E AVALIAÇÕES	51
10.BIBLIOGRAFIA	57

1 . INTRODUÇÃO

Não há necessidade de atravessar a superfície da teoria psicanalítica para perceber que o universo feminino é encarado como algo obscuro e enigmático. É da escuta de mulheres tidas como histéricas, e das inquietações percebidas nelas, que se valeu o primeiro movimento para a estruturação desta nova maneira de compreender o ser humano e o que há além da consciência. E é na observação e nas palavras de Freud que se preludia esta nova proposta. A partir deste alvorecer, foram muitas as tentativas e revisões ao longo das obras do autor, no intuito de esclarecer e colocar em evidência as possíveis faces do desejo feminino e da feminilidade em si.

Destaco, primeiramente, o conceito freudiano mais intrinsecamente conectado a esta temática, uma vez que revela o possível impasse que procuro expor neste trabalho, a saber, o complexo de Édipo. No que se refere a esta pesquisa, é de interesse maior a reestruturação deste complexo feita pelo autor em seu texto “A Dissolução do Complexo de Édipo” de 1924.

No ínterim desta reestruturação, Freud abdica da sua primeira versão em que o Édipo feminino se apresentaria como um espelho do masculino, ou seja, o primeiro objeto de amor do menino seria a mãe e, da menina, o pai. O novo expediente procura demonstrar as especificidades e as implicações do complexo de Édipo para as meninas. Com a revisão, na fase pré-edípica, o primeiro amor objetual tanto do menino quanto da menina é a mãe. Entretanto, algo peculiar precisa acontecer nas meninas para que ocorra a troca de objeto e este se torne o pai.

De acordo com Freud, tal troca ocorre, principalmente, pela comparação entre os sexos, na qual as meninas percebem em si a ausência de pênis ao se depararem com a nudez de um colega ou irmão, por exemplo. Deste momento, em que ela se percebe mutilada, decorre o sentimento de inveja do pênis. Isto deriva do que Freud expõe em “A organização genital infantil”, a saber, as crianças supõem não dois genitais diferentes, mas que todos possuem pênis (FREUD, 1923, p.171).

Em um primeiro momento, as meninas atribuem responsabilidade à mãe por estarem em desvantagem, por compreenderem esta mutilação como algo individual, ainda de acordo com Freud. Isto colabora fortemente para o abandono da mãe como objeto e a entrada da menina no complexo de Édipo. O que também é definitivo para esta troca de objeto é o momento em que esta criança percebe que a mãe, assim como outras mulheres, é igualmente castrada. Outra especificidade do Édipo para as mulheres, na infância, é que, além da troca de objeto, a troca de genital favorecido precisa ocorrer, como Freud defende em “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (FREUD, 1925, p.

295). Segundo o autor, a menina compreende o clitóris como um falo não desenvolvido. Esta fase é, notadamente para Freud, uma fase de caráter masculino, pelo comportamento ativo do órgão. Entretanto, para que a menina faça a passagem para a feminilidade, para uma fase tipicamente feminina, de acordo com o psicanalista, ela precisa abandonar o prazer do clitóris e passar a favorecer a zona erógena da vagina, de aspecto passivo.

Com isto, fica evidente que o fator da inveja do pênis é, para Freud, definidor para uma feminilidade autêntica e, portanto, é algo extremamente relevante para que se compreenda a sexualidade feminina. É com o abandono da mãe como objeto de amor e do clitóris como zona erógena favorecida que a mulher se desconecta da masculinidade, que é para Freud, neste momento de sua produção teórica, necessariamente vinculada à atividade. E, por esta nova tendência à passividade que as meninas desenvolvem, o amor objetal se volta para o pai. Em seus textos, desta associação necessária (masculino-ativo, feminino-passivo), o autor vez ou outra parece confundir, intencionalmente ou não, o que é meta passiva em sua teoria com passividade em amplo sentido, inclusive moral e social. Em um texto tardio, “A feminilidade” de 1933, Freud questiona esta associação, isto será abordado mais adiante neste trabalho.

Da contemplação das mulheres como seres mutilados e das decorrências disto, Freud atribui, então, três destinos possíveis para elas, destinos que variam ao longo de sua obra, mas que são apostados com mais segurança pelo autor no seu texto intitulado “A sexualidade feminina” (1931). O primeiro destino seria a frigidez, a negação da sexualidade e, portanto, uma maior propensão à neurose. O segundo caminho refere-se ao complexo de masculinidade, ou à negação da passividade. E o terceiro, que para Freud é o caminho normal e que efetiva a feminilidade, é a maternidade, representante da substituição do falo pelo bebê. Nas palavras de Freud, em seu texto “Sobre a sexualidade feminina”:

Dessa atitude dividida decorrem três orientações de desenvolvimento. A primeira leva ao afastamento da sexualidade em geral. Assustada pela comparação com os meninos, a garota fica insatisfeita com seu clitóris, renuncia a sua atividade fállica e, com isso, à sexualidade mesma, assim como a boa parte de sua masculinidade em outros campos. A segunda direção consiste em se apegar, com teimosa autoafirmação, à masculinidade ameaçada; a esperança de voltar a ter um pênis se mantém viva até uma época incrivelmente tardia, é transformada em objetivo de vida, e a fantasia de apesar de tudo ser um homem prossegue, com frequência, atuando formadoramente em longos períodos da vida. Também esse “complexo de masculinidade” da mulher pode resultar em manifesta escolha homossexual do objeto. Apenas um terceiro desenvolvimento, bastante sinuoso, vem a dar na definitiva configuração feminina normal, que toma o

pai por objeto e, assim, alcança a forma feminina do complexo de Édipo. (FREUD, 1931, p. 378)

Depreende-se de tais caminhos que, para Freud, independentemente do destino feminino, ele perpassa pela negação, inveja ou substituição do falo. Nada há de originalmente feminino, mas contingências e até fatores biológicos constroem um homem que não pode ser homem e, então, compreendem-no mulher.

Na quarta edição, de 1924, dos “Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” é acrescida por Freud a fase fálica do desenvolvimento infantil. A fase fálica consistiria na possibilidade de descarga da excitação sexual proveniente do complexo de Édipo, por meio da masturbação. Neste período do desenvolvimento infantil, sustenta Freud, existiria apenas a masculinidade, uma vez que a masturbação seria a manipulação ativa do genital. As crianças constatariam, então, duas possibilidades: os indivíduos ou possuem pênis ou são castrados. Esta fase é de fundamental importância para a maneira pela qual os homens se relacionam com as mulheres, tendo em vista que este período é, simultaneamente, o período do complexo de Édipo e é em sua duração que tem lugar o pavor da castração. Ainda que o menino seja inicialmente descrente da ameaça de ser castrado, quando ele contempla a ausência de pênis nas meninas, este medo, então, instaura-se vividamente, ainda de acordo com o autor. Toda a potencialidade deste pavor da castração só se sustenta em função do momento que ele se apresenta, a saber, a primazia do falo (FREUD, 1923, p.173).

Em mais de uma oportunidade em seus textos, Freud revela que é o complexo de castração que fomenta a maneira pela qual os homens se relacionam com as mulheres. Primeiramente, no texto “A organização genital infantil”, ele defende: “Sabe-se igualmente em que grau a depreciação da mulher, o horror da mulher, a disposição à homossexualidade derivam da convicção definitiva de que a mulher não possui pênis.” (FREUD, 1923, p. 173). Em “Algumas consequências (...)”, o psicanalista reitera de modo mais incisivo, que o momento em que os meninos verificam a ausência de pênis nas meninas “leva a duas reações que podem se tornar fixas e então, separadamente ou juntas, ou em conjunção com outros fatores, determinarão permanentemente sua relação com as mulheres: aversão à criatura mutilada ou triunfante menosprezo dela.” (FREUD, 1925, p. 290). Algo semelhante volta a aparecer em “Sobre a sexualidade feminina”: “No homem a influência do complexo de castração deixa também um certo grau de menosprezo pela mulher, percebida como castrada.” (FREUD, 1931, p. 378).

A saída do Complexo de Édipo pode se dar por uma série de experiências aflitivas, de acordo com Freud, mas também por ser necessária esta saída, uma vez que é parte do desenvolvimento da criança abrir mão do primeiro objeto de amor

(ainda que parcialmente constituído), para se relacionar socialmente e buscar um novo objeto, a partir do momento em que “o genital assume um papel condutor” (FREUD, 1924, p.206). Além destes fatores, o psicanalista aponta, também em “A dissolução do Complexo de Édipo”, que deve haver uma espécie de programação biológica para este evento se realizar.

O complexo de castração é a chave para a porta de saída do Édipo na teoria freudiana. No caso dos meninos a saída do Édipo é brusca porque a ameaça sentida pelos jovens do sexo masculino de perder o falo é massacrante. E isto é fundamental para a constituição de um Supereu forte e o início do período de latência, uma lacuna na sexualidade na passagem de sua acepção infantil para a genital e, portanto, adulta.

Freud sustenta esta tese da seguinte forma, em síntese (FREUD, 1924, p.208): o complexo de Édipo, neste caso dos meninos, apresenta-se por uma ambivalência: 1. De maneira ativa, o menino deseja ser o pai e tomar a mãe para si. 2. De maneira passiva, o menino busca ser amado pelo pai. O pavor da castração tem lugar independente do caminho assumido, seja por punição no primeiro caso, no cenário ativo, ou como condição, no segundo caso, o da passividade. Em função deste pavor, pela impossibilidade de satisfação, o menino precisa abandonar o amor objetal pela mãe e abdicar da sexualidade temporariamente, o que corresponde ao período de latência do desenvolvimento. O resíduo deste impasse torna-se afeto pelos pais, um investimento erótico inibido na meta e identificação. Por ter se tratado de um enfrentamento entre um objeto de amor externo e um investimento narcísico (o amor do menino por ele próprio ao se defender da castração), produz-se aí a introjeção da influência que antes era externa. E, também, ocorre a introjeção da severidade simbolicamente associada ao pai, bem como da impossibilidade de satisfação no interior do Édipo (ou seja, da relação incestuosa). Estas introjeções configuram e edificam um Supereu que, para Freud, é mais forte nos meninos, devido a este processo de formação.

Nas meninas a saída do Édipo é gradativa, não-pontual e, talvez, nunca se consolide, como Freud ressalta em “Algumas consequências (...)”, (FREUD, 1925, p.298). Isto influencia na constituição de um Supereu mais fraco, menor capacidade de sublimação e ética, além de maior propensão às neuroses¹, ainda

¹ A ideia de que as mulheres seriam mais propensas às neuroses, nesta altura da produção teórica freudiana, parece ser de difícil conciliação com a tese da constituição de um Supereu mais fraco nas mulheres. Isto porque, para o autor, o masoquismo seria feminino. Este ponto não será desenvolvido aqui, mas faço menção ao artigo inédito de Léa Silveira, “Entre teses e textos: Como o tema da inferioridade da mulher aparece nos ensaios que

segundo Freud, em função da castração ser encarada como algo dado. Estas afirmações já haviam aparecido antes em Freud, em “A dissolução do Complexo de Édipo”, onde ele fada as mulheres a sua condição de desprovidas de pênis, o que inviabilizaria, sem nenhuma justificativa fornecida por ele, qualquer possibilidade de igualdade de direitos: “Aqui a exigência feminista de igualdade de direitos entre os sexos não vai longe, a diferença morfológica tem de manifestar-se em diferenças no desenvolvimento psíquico. Anatomia é destino, podemos dizer, parodiando uma frase de Napoleão.” (FREUD, 1924, p. 211)

É neste momento que o psicanalista faz uma passagem automática entre o campo da sua teoria da sexualidade e o âmbito social, em detrimento das mulheres. Esta tendência se repete em seus textos e é vista também neste trecho de “Sobre a sexualidade feminina”:

Na mulher, portanto, o complexo de Édipo é o resultado final de um longo desenvolvimento; não é destruído, mas sim criado por influência da castração, escapa às fortes influências hostis que no homem atuam de forma destruidora sobre ele e, de fato, com muita frequência não é superado pela mulher. Por isso também são menores e menos relevantes as consequências culturais de sua desintegração. Provavelmente não será errado dizer que essa diferença na relação entre o complexo de Édipo e o da castração marca indelevelmente o caráter da mulher como ser social. (FREUD, 1931, p. 379)

No percurso que concerne à aceção da feminilidade e da sexualidade feminina, Freud faz alguns apontamentos sem justificativas elaboradas teoricamente (como, por exemplo, a inevitável superioridade masculina inerente ao desenvolvimento psíquico e a inveja do pênis como marcadora do aspecto social da mulher). Mas, ainda, se assumirmos sua teoria acerca do complexo de Édipo e seus desdobramentos, a tentativa de compreensão da feminilidade advinda desta perspectiva freudiana passaria também por um lastro de depreciação psiquicamente constituído em que ele próprio aposta em seus textos, decorrente da ameaça de castração presente no desenvolvimento infantil e que atua de maneira formadora nos homens.

Freud dedica à sexualidade feminina?”, neste texto encontramos o seguinte argumento: “[...] se o masoquismo é o fundamento da moralidade, se quanto mais um sujeito agride a si mesmo mais ele se conforma às exigências éticas da cultura, Freud não deveria retirar disso a conclusão de que a sexualidade feminina favoreceria um Supereu mais fortalecido do que no caso do homem – quer dizer: não deveria concluir a partir disso o contrário do conteúdo de sua insistência em corroborar com o alijamento das mulheres com relação às práticas culturais?” (SILVEIRA, 2020, no prelo)

É bem verdade que Freud antecipou em uma nota de rodapé as possíveis críticas para sua teoria da sexualidade feminina, como podemos ver em “Sobre a sexualidade feminina”:

Pode-se prever que os analistas com opiniões feministas, assim como as mulheres analistas, não estarão de acordo com essas declarações. Dificilmente deixarão de objetar que tais teorias provêm do "complexo de masculinidade" do homem e servem para justificar teoricamente sua inata propensão a rebaixar e oprimir a mulher. Mas esse tipo de argumentação psicanalítica nos lembra, nesse caso, a famosa "faca de dois gumes" de Dostoiévski [cf. Os irmãos Karamázov, livro xii, cap. x]. Os oponentes dos que assim falam acharão compreensível, por sua vez, que o sexo feminino não queira admitir o que parece contrariar a tão ansiada igualdade com o homem. (FREUD, 1931, Nota 2, p. 379)

Entretanto, parece-me que o autor pretende escusar o complexo de masculinidade presente no seu apontamento acerca do caráter social da mulher atribuindo às críticas feministas um diagnóstico de recusa da passividade. Ou seja, perde-se o mérito da argumentação, uma vez que, afinal, para Freud, teríamos apenas complexos equivalentes em confronto. Mina-se, aí, a argumentação na medida em que o debate se encerra meramente na situação psíquica das partes envolvidas. Levando isto em conta, faz-se, a meu ver, necessária e premente a discussão dos textos do autor, a fim de restaurar um debate que possa ter sido vetado de antemão e irrefletidamente. Neste intuito, então, buscarei explorar em um primeiro momento qual seria a caracterização psíquica que Freud apresenta das mulheres com foco, principalmente, na formação do Supereu. Em seguida, retornarei ao complexo de Édipo, o fenômeno psíquico necessário para que, em sua dissolução, ocorra a formação do Supereu. A partir destes conceitos freudianos pretendo abordar diferentes caminhos para um possível contato entre feminismo e psicanálise.

2. SUPEREU E FEMINILIDADE

Conforme visto até aqui, o texto freudiano “A dissolução do complexo de Édipo” apresenta um ponto de tensão com o pensamento feminista, a partir das características atribuídas às mulheres. Mas, como já mencionado, este não foi o primeiro texto em que Freud teria se dedicado a descrever o complexo de Édipo e o modo como a dissolução deste complexo é responsável pelo surgimento do Supereu. Dedicarei o capítulo seguinte a traçar a história do complexo de Édipo paralelamente à história da própria psicanálise freudiana, mediante chaves de leitura consideradas por mim concernentes ao debate feminista – e o motivo desse

percurso será evidenciado oportunamente. No presente capítulo, pretendo mostrar como a descrição do Supereu dos homens e das mulheres, nos textos de Freud, define não só características psíquicas, mas o campo de atuação de cada sexo na cultura.

Para tanto, é necessário retroceder a um texto anterior ao “A dissolução...”, onde Freud apresentará pela primeira vez a formulação do Supereu de modo mais completo, enquanto uma instância psíquica relacionada à moralidade. Em “O Eu e o Id”, de 1923, o psicanalista traz à tona a necessidade de, nessa altura de sua teoria, considerar não só uma graduação do Eu responsável por seu caráter, mas uma instância diferenciada do Eu em função de “sua relação menos estreita com a consciência” (FREUD, 1923, p.35).

Neste texto, Freud apresenta os processos envolvidos na formação do Supereu. Estes processos não são novidade em sua obra e o autor recorrerá oportunamente a outros trabalhos. Seguirei, portanto, o mesmo trajeto.

A primeira questão abordada pelo autor no capítulo dedicado ao Supereu em “O Eu e o Id” é sobre a possibilidade de um objeto perdido ser reestabelecido no Eu, através da substituição de um investimento objetal por uma identificação. Este argumento é resgatado de “Luto e melancolia” de 1917. Apesar de declarar não saber exatamente, neste momento de sua produção teórica, como se daria esta substituição, Freud revela que a introjeção responsável por uma alteração no Eu poderia ser facilitada pelo próprio Eu, via uma regressão ao mecanismo da fase oral, ou ainda seria a própria condição para que o objeto seja abandonado. A explicação em torno do mecanismo da fase oral é encontrada em “Psicologia das massas e análise do Eu”, de 1921, onde Freud explora longamente o conceito psicanalítico de identificação. Lá é possível ler:

Pois desde o início a identificação é ambivalente, pode tornar-se tanto expressão de ternura como desejo de eliminação. Comporta-se como um derivado da primeira fase, a fase oral da organização da libido, na qual o indivíduo incorporou, comendo, o objeto desejado e estimado, e assim o aniquilou enquanto objeto. (FREUD, 1921, p.61)

Ainda tratando de identificação em “Psicologia das massas...”, Freud sustenta que “a identificação é a mais antiga e original forma de ligação afetiva” (FREUD, 1921, p. 63) e que há uma oscilação entre a identificação tornar-se escolha do objeto sexual e a escolha retornar a uma identificação, possibilitando assim “que o Eu adote características do objeto” (FREUD, 1921, p.63). Ora, se a identificação é a forma mais primitiva de ligação, quando se torna possível uma escolha de objeto ao atingir a sexualidade adulta (ou ainda antes, haja vista que já

existe um objeto de amor no interior do complexo de Édipo) temos um movimento que parte da identificação ao objeto, por um lado. Por outro, quando dizemos que o objeto sexual abandonado pode vir a ser introjetado no Eu, sendo substituído pela identificação, o caminho é inverso: há uma regressão do objeto à identificação. Tendo em vista esses fatores, somados a um outro modelo de identificação muito visto por Freud na clínica - quando, por exemplo, um objeto de amor em comum para diversas pessoas suscita nestas mesmas pessoas uma identificação não com o objeto, mas com seus pares que desejam o mesmo objeto -, o autor descreve, então, três tipos de identificação em “Psicologia das massas...”:

[...] primeiro, a identificação é a mais primordial forma de ligação afetiva a um objeto; segundo, por via regressiva ela se torna o substituto para uma ligação objetal libidínosa, como que através da introjeção do objeto no Eu; terceiro, ela pode surgir a qualquer nova percepção de algo em comum com uma pessoa que não é objeto dos instintos sexuais. (FREUD, 1921, p.64-65)

Voltando ao aspecto da ambivalência da identificação enquanto semelhante ao mecanismo da fase oral (relativa à ternura para com o objeto e, simultaneamente, ao desejo de aniquilação), é preciso notar que isso será de suma importância no complexo de Édipo e, por conseguinte, no surgimento do Supereu, como pretendo explorar adiante. Mas, antes, vale ressaltar como este processo de substituição de um objeto sexualmente investido por uma identificação é fortemente envolvido com a constituição do caráter do Eu. Em “Psicologia das massas...”, Freud menciona a hipótese, que já vinha esboçando em textos deste período, acerca da possibilidade de “uma instância que pode se separar do resto do Eu e entrar em conflito com ele” (FREUD, 1921, p.67), chamada, então, de ideal do Eu. O ideal do Eu estaria em tensão com o Eu em função do próprio fator que o diferencia do Eu, a introjeção do objeto perdido. Já nestes textos, Freud atribuía uma função crítica ao ideal do Eu, “como a auto-observação, consciência moral, censura do sonho e principal influência na repressão” (FREUD, 1921, p.68). Apesar deste conflito, o ideal do Eu configuraria nesta altura da obra freudiana, também, um subterfúgio para o Eu encontrar satisfação neste domínio que se fragmentou dele próprio, uma vez que o Eu, às vezes incapaz de cumprir determinadas exigências, teria em si próprio o recurso de contar com as influências do meio inseridas no ideal do Eu.

Estes apontamentos desdobram-se em “O Eu e o Id”, proporcionando a Freud formular o ponto do seguinte modo: “[...] o caráter do Eu é um precipitado dos investimentos objetais abandonados, de que contém a história dessas escolhas de objeto.” (FREUD, 1923, p.36). Além disto, também é apresentado, na dinâmica

de interação entre as instâncias Eu e Id, que os traços do objeto perdido que são introjetados no Eu servem como negociação entre estas instâncias. Isto se daria como se esta parte transformada e dividida do Eu pudesse ser oferecida ao Id como um substituto do objeto de amor e, assim, diminuir a tensão. Freud diz: “Veja, você pode amar a mim também, eu sou tão semelhante ao objeto” (FREUD, 1923, p.37). Este processo implica em uma transformação da libido objetual para a narcísica, o que culminaria em abandono das metas sexuais, “uma espécie de sublimação.” (FREUD, 1923, p.37).

Depois deste momento, em “O Eu e o Id”, Freud coloca-se diante da tarefa de compreender a origem do ideal do Eu, a partir de suas hipóteses levantadas nos textos prévios supracitados, especialmente sobre a identificação. Agora, este ideal do Eu passa a ser denominado Supereu, uma instância pertencente à segunda (e nova, nesta altura da malha teórica) tópica freudiana de modelo de aparelho psíquico.

Freud afirma que “a primeira e mais significativa identificação do indivíduo” é com “o pai da pré-história pessoal” (FREUD, 1923, p.38-9) e aí estaria a origem do Supereu. É neste ensejo que o autor faz a formulação do complexo de Édipo enquanto constitutivo no psiquismo humano, passagem que consiste em um dos temas que abordarei com maior profundidade no capítulo seguinte. Não obstante, esta passagem é também fundamental para a compreensão do Supereu. Nesta formulação, Freud descreve como operaria o complexo de Édipo em um menino:

Bastante cedo ele desenvolve um investimento objetual na mãe, que tem seu ponto de partida no seio materno e constitui o protótipo de uma escolha objetual por “apoio”; do pai o menino se apodera por identificação. As duas relações coexistem por algum tempo, até que, com a intensificação dos desejos sexuais pela mãe e a percepção de que o pai é um obstáculo a esses desejos, tem origem o complexo de Édipo. A identificação com o pai assume uma tonalidade hostil, muda para o desejo de eliminá-lo, a fim de substituí-lo junto à mãe. Desde então é ambivalente a relação com o pai; é como se a ambivalência desde o início presente na identificação se tornasse manifesta. A postura ambivalente ante o pai e a relação objetual exclusivamente terna com a mãe formam, para o menino, o conteúdo simples e positivo. (FREUD, 1923, p.39-40)

Esta descrição, conforme apontado no final do trecho citado, consiste no complexo de Édipo simples e positivo. Seguindo no texto, o autor expõe o complexo “mais completo” que se daria por uma variação na intensidade do investimento no amor objetual pela mãe, uma maior ou menor identificação com o pai, ou até a inversão (o pai se tornar objeto e a identificação recair sobre a mãe).

Todas essas disposições se apresentam em função do fator da bissexualidade inata e Freud declara não ter clareza ainda dos processos que levariam cada indivíduo a vivenciar o Édipo de uma ou de outra maneira. Mas, fato é que este universo de possibilidades pelo qual o Édipo pode ser vivido por cada indivíduo pode definir seu desfecho. Também vale notar que, neste texto, Freud postula que o complexo nas meninas poderia ser espelhado no caso dos meninos, embora isto ainda fosse um campo obscuro em sua pesquisa. Já vimos que é sobre este campo obscuro, principalmente, que o autor se debruça em “A dissolução...”.

De todo modo, aqui é mais importante como a desintegração do complexo de Édipo culminaria no aparecimento do Supereu. Em “O Eu e o Id”, Freud sustenta que esta desintegração se daria em função da necessidade do abandono da mãe enquanto objeto e, daí, haveria duas possibilidades: uma identificação com a mãe ou um reforço da identificação com o pai. Esse desenrolar ainda se refere ao caso dos meninos. Neste sentido, ainda segundo o autor, a segunda possibilidade aconteceria na maior parte dos casos, haja vista que conservaria a ternura para com a mãe e, também, garantiria a consolidação da masculinidade. Tudo se daria, para as meninas, no sentido inverso, a fim de fixar “o caráter feminino da criança” (FREUD, 1923, p.40).

O abandono da mãe como objeto não poderia se dar sem conflitos entre o Eu (aquele que vive a proibição ao incesto, principalmente pela figura do pai) e o Id (instância que impõe o desejo que necessitaria, ao menos, ser negociado). Então, o Eu introjeta as identificações em jogo no contexto edípico, recebendo-as, como Freud nomeia, como se fosse “um precipitado” (FREUD, 1923, p.42). Parte do Eu é conservada e aquilo que subjaz às identificações se contrapõe a ele, na forma de um Supereu.

Como o investimento libidinal no objeto agora perdido foi introjetado no Eu neste processo, esta libido agora apresenta um caráter narcísico e, por isso, dessexualizado. Portanto, a ternura para com os genitores pode ser mantida. E aquilo que configura a impossibilidade da relação incestuosa, a autoridade e severidade normalmente atribuída ao pai, queda-se como um resíduo que a partir deste momento recai sobre a função do Supereu. Sobre isto, Freud escreve:

Mas o Supereu não é simplesmente um resíduo das primeiras escolhas objetais do Id; possui igualmente o sentido de uma enérgica formação reativa a este. Sua relação com o Eu não se esgota na advertência: “Assim (como o pai) você deve ser”; ela compreende também a proibição: “Assim (como o pai) você não pode ser, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz; há coisas que continuam reservadas a ele”. (FREUD, 1923, p.42-3)

Retrocedendo ao “Psicologia das massas...”, mais uma vez, no empreito de descrever a natureza dessa identificação ambivalente com o pai, lemos: “No primeiro caso o pai é aquilo que se gostaria de *ser*, no segundo, o que se gostaria de *ter*. [...] Percebe-se apenas que a identificação se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele tomado por ‘modelo’.” (FREUD, 1921, p.62). O mecanismo de formação do Supereu já vinha sendo preludiado neste texto prévio, no qual também se encontra a seguinte formulação: “O garoto revela um interesse especial por seu pai, gostaria de crescer e ser como ele, tomar o lugar dele em todas as situações. Digamos tranquilamente: ele toma o pai como seu ideal.” (FREUD, 1921, p.60)

Com este trajeto argumentativo de “O Eu e o Id” e de outros textos que ajudam a compreendê-lo, como busquei expor, podemos passar para “A dissolução...”. É neste texto que Freud discute mais amplamente as causas do naufrágio do Édipo, sob duas concepções que, para o autor, “são compatíveis entre si; há lugar para a concepção ontogenética ao lado da filogenética, mais abrangente.” (FREUD, 1924, p.205)

A perspectiva ontogenética consistiria na necessidade de o complexo de Édipo ser completamente superado, em função de sua “impossibilidade interna” (FREUD, 1924, p.204) de satisfação, levada a cabo pela força do pavor da castração. Já a perspectiva filogenética é referente a uma programação hereditária que prevê o fim de uma etapa de desenvolvimento e o início de uma outra. Nas letras de Freud: “[...] o complexo de Édipo tem que acabar porque chegou o momento de sua desintegração, assim como caem os dentes de leite quando surgem os permanentes.” (FREUD, 1924, p.205)

Como já anunciado na introdução do presente trabalho, a questão em torno do complexo de castração (e seu derivado nas mulheres, a inveja do pênis) é um rico material para o debate entre teorias feministas e psicanálise freudiana. Portanto, a concepção ontogenética (mais distante de fatores predeterminados que configuram o sujeito, seja homem ou mulher, e mais próxima, conseqüentemente, do trajeto vivido pelo sujeito e como este trajeto dá forma ao âmbito psíquico do indivíduo) será a mais explorada aqui. Todavia, mesmo na ontogênese freudiana, dos conceitos aqui trabalhados, veremos que a anatomia, para o autor, tem um papel muito importante no desfecho da fase edípica e, com isso, no modo pelo qual os indivíduos introjetam a cultura (e, principalmente, a moral).

Retomando o complexo de castração, é possível compreendê-lo como uma reação dos meninos ao medo de perder o pênis que se dá *a posteriori*. Ou seja, na fase fálica do desenvolvimento, os meninos manuseiam o pênis frequentemente, o que gera da parte dos cuidadores um tom de ameaça de retirá-lo do menino, caso

insistam no ato. Os meninos pouco reagem a esta ameaça, até que ela repercute de maneira significativa, quando os garotos constatam a ausência de pênis nas irmãs ou colegas (FREUD, 1924, p.207). A castração passa, então, a ser uma possibilidade real.

Como este processo se dá no contexto do Édipo, Freud aponta que a masturbação nesta fase seria “apenas a descarga genital da excitação sexual própria do complexo” (FREUD, 1924, p.208). Para além disso, ainda que o garoto tivesse apenas ideias vagas do que seria uma relação sexual, ele deduziria que o pênis teria uma função nela, “pois as sensações do seu próprio órgão atestavam isso” (FREUD, 1924, p.208).

O pequeno rapaz, então, frente às duas possibilidades de satisfação no interior do complexo de Édipo (a ativa, de tomar o lugar do pai; a passiva, de ser amado pelo pai - duas possibilidades que se desdobram a partir da ambivalência da identificação), percebe que o custo dos seus desejos, em qualquer caminho que optar por tomar, acarretaria na perda do pênis. Quanto a isso, Freud postula:

Se a satisfação amorosa no terreno do complexo de Édipo deve custar o pênis, tem de haver um conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais. Nesse conflito vence normalmente a primeira fase dessas forças; o Eu da criança se afasta do complexo de Édipo. (FREUD, 1924, p.208)

É desse trajeto psíquico que vimos surgir o Supereu do homem, em sua infância, como descrito em “O Eu e o Id”. Também, vale notar, o Supereu não seria a única consequência do complexo de castração e saída da fase edípica. Para Freud, ainda: “Todo processo, por um lado, salvou o genital, afastou dele o perigo da perda, e, por outro lado, paralisou-o, suspendeu sua função. Com ele tem início o período de latência, que interrompe o desenvolvimento sexual da criança.” (FREUD, 1924, p.209)

Outro ponto que também vale destaque é o seguinte: o resultado desse processo não seria um recalque do Édipo porque, se sucedido de “maneira ideal”, o complexo é totalmente superado e destruído. É dessa observação que Freud constata “uma linha divisória entre o normal e o patológico, que jamais é inteiramente nítida. Se o Eu realmente não alcançou muito mais que uma repressão do complexo, este persiste de modo inconsciente no Id, e manifestará depois a sua ação patogênica.” (FREUD, 1924, p.209-10)

Mantendo em mente que seria possível, então, um cenário não ideal para a dissolução do Édipo, pretendo agora expor como este processo se daria para as

meninas, segundo Freud. Para isso, vale resgatar uma citação que já utilizei anteriormente, agora mais completa e contextualizada:

Também o sexo feminino desenvolve um complexo de Édipo, um Supereu e um período de latência. Pode-se atribuir a ele igualmente uma organização fálica e um complexo de castração? A resposta é afirmativa, mas as coisas não se passam como no garoto. Aqui a exigência feminista de igualdade de direito entre os sexos não vai longe, a diferença morfológica tem de manifestar-se em diferenças no desenvolvimento psíquico. Anatomia é o destino, podemos dizer, parafraseando Napoleão. (FREUD, 1924, p.211)

Este trecho de “A dissolução...” inicia a discussão de Freud em torno da inveja do pênis, vivenciada pelas meninas. Como dito anteriormente, o complexo de Édipo, tendo seu lugar na fase fálica do desenvolvimento das crianças, acarreta consequências para ambos os sexos. Nas garotas, o clitóris “se comporta primeiramente como um pênis” (FREUD, 1924, p.211), mas, ao compará-lo com o genital dos garotos, Freud diz, ela nota que “saiu perdendo” (FREUD, 1924, p.211). A descrição da inveja do pênis mais elaborada encontra-se em “Algumas consequências psíquicas...”: “Ela nota o pênis de um irmão ou colega de jogos, flagrantemente visível e de tamanho notável, reconhece-o de imediato como a superior contrapartida de seu próprio órgão pequeno e oculto, e passa a ter inveja do pênis.” (FREUD, 1925, p. 290). Essa constatação da diferença entre os genitais se dá mais imediatamente nas meninas que nos meninos. Ainda sobre isso, Freud diz: “Num instante ela faz seu julgamento e toma sua decisão. Ela viu, sabe que não tem e quer ter.” (FREUD, 1925, p. 291)

A inveja do pênis traz muitas consequências para as jovens mulheres. Primeiramente, porque a castração, para elas, é algo já consumado. O medo que os meninos desenvolvem da castração é o ponto de partida para abandonarem o Édipo, ao passo que, para Freud: “Excluído o medo da castração, também deixa de haver um forte motivo para a construção do Supereu e a demolição da organização genital infantil.” (FREUD, 1924, p.212)

Para o psicanalista, o complexo de Édipo nas meninas, na maioria dos casos em sua experiência na clínica, não ultrapassaria uma mudança de amor objetal e uma inclinação à passividade. O fato de não terem pênis só seria tolerado através de uma compensação dada por “equação simbólica [...] – do pênis ao bebê” (FREUD, 1924, p.212). Em função desse cálculo, as meninas cultivariam um desejo de gerar um filho do pai e, então, a impossibilidade da realização desse desejo guiá-las-ia, aos poucos, ao abandono do complexo de Édipo. Mas, ainda, “os dois desejos, de ter um pênis e um filho, permanecem fortemente investidos no

inconsciente, e ajudam a preparar o ser feminino para seu futuro papel sexual.” (FREUD, 1924, p.212-13). Em uma outra passagem de “As consequências psíquicas...”, Freud sustenta:

Na garota falta o motivo para a destruição do complexo de Édipo. A castração já produziu antes seu efeito, que consistiu em impelir a criança para a situação do complexo de Édipo. Por isso este escapa ao destino que o aguarda no menino, pode ser lentamente abandonado, liquidado mediante repressão ou seus efeitos podem prosseguir até bem longe na vida psíquica normal da mulher. (FREUD, 1925, p. 297-8)

Isto nos leva de volta à questão da dissolução do Édipo não ideal, afinal, podemos assumir que as mulheres têm, para Freud, chances mais significativas de recair sobre este caso. Pois, segundo Renato Mezan, “[...] o Édipo feminino não vem a ser bruscamente interrompido, como o do menino, e sim se desfaz lentamente, quase por inércia, frente à impossibilidade de que seu conteúdo venha a se inscrever no real.” (MEZAN, 1985, p.473). Sendo assim, as mulheres seriam mais dispostas às manifestações patogênicas desses resquícios edípianos que permanecem inconscientes. O resultado deste tortuoso trajeto de saída do Édipo culminaria, de modo mais ou menos ideal, na formação do Supereu nas mulheres e isto explicaria, para Freud, as características historicamente atribuídas a elas.

Hesitamos em expressar isso, mas não podemos nos esquivar da noção de que o nível do que é eticamente normal vem a ser outro para a mulher. O Supereu jamais se torna tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens afetivas como requer que seja no homem. Traços de caráter que sempre foram criticados na mulher – que ela mostra menos senso de justiça que o homem, menos inclinação a submeter-se às grandes exigências da vida, que é mais frequentemente guiada por sentimentos afetuosos e hostis ao tomar decisões – encontrariam fundamento suficiente na distinta formação do Supereu que acabamos de inferir. (FREUD, 1925, p. 298)

A distinta formação do Supereu é a diferença entre o medo da castração e a inveja do pênis. No caso feminino, esta instância psíquica “não pode alcançar a fortaleza e a independência que lhe dão a sua importância cultural” (FREUD, 1933, p. 286). Além de um Supereu deficiente que fada as mulheres a um caráter “mediano” (FREUD, 1933, p. 286), a inveja do pênis no contexto edípico traz ainda outras consequências para as mulheres, de acordo com Freud. Ainda que essas consequências sejam menos exploradas pelo autor, é interessante abordá-las, haja vista que elas são ilustrativas da acepção da feminilidade em sua obra. Para o psicanalista, ainda em “Algumas consequências psíquicas...”:

Mesmo tendo renunciado seu verdadeiro objeto, a inveja do pênis não deixa de existir, persiste no traço de caráter do ciúme com ligeiro deslocamento. Claro que o ciúme não é próprio de um sexo apenas, e se fundamenta em uma base mais ampla, mas acho que desempenha um papel muito maior na vida psíquica da mulher, porque obtém um enorme reforço da fonte que é a inveja do pênis desviada. (FREUD, 1925, p. 293)

Além da maior propensão à neurose, então, as mulheres também teriam como característica a maior propensão ao ciúme. Outra consequência da inveja do pênis, no contexto final do complexo de Édipo, consistiria em “parecer que a natureza da mulher se acha mais distante da masturbação” (FREUD, 1925, p. 294), no sentido de não recorrer à masturbação em circunstâncias nas quais os homens recorreriam a ela sem hesitação. Sobre essa afirmação, o autor faz a ressalva de que a constatação padeceria de diversas exceções e que, portanto, ele não a estabeleceria enquanto uma regra, haja vista que “as reações dos indivíduos de ambos os sexos são mesclas de traços masculinos e femininos” (FREUD, 1925, p. 294). Contudo, essa justificativa às exceções reforça, mais uma vez, que a resistência à masturbação é própria da feminilidade, ainda que não se manifeste apenas em corpos femininos.

Em uma conferência mais tardia da obra freudiana, intitulada “A feminilidade” de 1933, o autor sustenta ainda uma outra consequência da inveja do pênis. Esta consequência é uma elaboração da descrição do Supereu da mulher, como vimos. Todavia, é salutar alocá-la neste ponto do texto: “O fato de termos que admitir pouco senso de justiça nas mulheres provavelmente se liga à preponderância da inveja na sua vida psíquica, pois a reivindicação de justiça é uma elaboração da inveja, fornece a condição sob a qual podemos renunciar a ela.” (FREUD, 1933, p. 292)

A partir da exposição das elaborações freudianas acerca do complexo de castração e inveja do pênis, podemos ver a importância dada por Freud ao genital masculino. Enquanto nos meninos, o medo demasiado de perdê-lo culmina na necessidade de formação do Supereu, para as meninas o pênis não é menos importante, elas precisam encarar o fato de não o possuírem e insistentemente desejá-lo. Esta alta relevância atribuída ao pênis é justificada, por Freud, nos seguintes termos:

Como o pênis – seguindo Ferenczi – deve seu investimento narcísico excepcionalmente elevado à sua importância para a propagação da espécie, a catástrofe do complexo de Édipo – o abandono do incesto, a instauração de consciência e moralidade – pode ser vista como um triunfo da geração sobre o indivíduo.” (FREUD, 1925, p. 297)

Embora o autor se defenda recorrendo à função do órgão para a espécie, esta defesa não é retomada pormenorizadamente. Em outro texto ele afirma: "Se vocês rejeitarem isso como algo fantástico e acharem que a influência da falta do pênis na configuração da feminilidade não passa de uma ideia fixa minha, naturalmente não terei como me defender"(FREUD, 1933, p. 290). Apontadas as ressalvas feitas pelo autor, é importante notar que o fator anatômico, em sua teoria, é preponderante para definir qualquer que seja o caminho psíquico a partir da saída do complexo de Édipo. Um fato curioso é o tipo de observação que Freud insiste em fazer no tangente às características masculinas e femininas estarem presentes em ambos os sexos, como já apontado em uma breve passagem anteriormente relativa a uma maior resistência feminina à masturbação.

Esta discussão acerca dos caracteres masculinos e femininos será bastante explorada em "A feminilidade". Contudo, antes, em "Algumas consequências psíquicas...", já podemos ver esta ideia sendo introduzida, em um momento de resposta às possíveis objeções feministas com base nas características sociais atribuídas às mulheres em função do Supereu feminino:

Em tais juízos não nos deixaremos influenciar pela contestação dos partidários do feminismo, que desejam nos impor uma total equiparação e equivalência dos sexos, mas admitiremos de bom grado que também a maioria dos homens fica muito atrás do ideal masculino e que todos indivíduos, graças à disposição bissexual e à herança genética cruzada, reúnem em si caracteres masculinos e femininos, de modo que a masculinidade e feminilidade puras permanecem construções teóricas de conteúdo incerto. (FREUD, 1925, p. 298)

A partir deste trecho, é pertinente pontuar a argumentação inicial de Freud em "A feminilidade", acerca da impossibilidade de definição da masculinidade e da feminilidade a partir da anatomia e da psicologia. Para o autor, a primeira não poderia apreender estas definições em função de seu ponto de partida, os aparelhos sexuais. Sobre isso, o psicanalista afirma que "[...] algumas partes do aparelho sexual masculino se acham igualmente no corpo da fêmea, ainda que em estado atrofiado, e o mesmo acontece no macho. Nisso, ela [a ciência da anatomia] vê sinais de bissexualidade, como se o indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre as duas coisas, apenas um tanto mais de uma que da outra" (FREUD, 1933, p. 265).

No caso da psicologia, o ponto de partida são os comportamentos femininos e masculinos, os quais também não apresentam uma determinação rígida e sucedem em ambos os sexos. Esta distinção de comportamento, para Freud, cede "à anatomia e à convenção" (FREUD, 1933, p. 266) e, por isso, não é propriamente

de cunho psicológico. Para o autor, esta classificação padeceria de um "erro de superposição" (FREUD, 1933, p. 267), na medida em que o comportamento masculino seria relativo à atividade e o feminino relativo à passividade. Sobre isto, Freud se contrapõe: "As mulheres podem desprender grande atividade em diferentes áreas, e os homens não podem conviver com seus iguais se não desenvolverem um alto grau de passiva docilidade" (FREUD, 1933, p. 267). Além disto, Freud afirma que a passividade não poderia ser confundida com preferências por metas passivas; para o autor, "pode ser necessária uma boa dose de atividade para alcançar uma meta passiva"(FREUD, 1933, p. 268). Neste ponto, é considerada pelo psicanalista "a influência da organização social, que igualmente empurra as mulheres para situações passivas."(FREUD, 1933, p. 268)

Freud parte, então, nessa conferência, para qual seria o escopo da investigação psicanalítica da feminilidade. Para o autor, não caberia à psicanálise "descrever o que é a mulher - uma tarefa quase impossível para ela -, mas como a mulher vem a ser, como se desenvolve a partir da criança inatamente bissexual" (FREUD, 1933, p. 269). Por isso, como vimos, a teoria freudiana trata das mulheres (e, também, dos homens) através de seus respectivos processos de formação psíquica. É impossível passar despercebido, a partir da exposição desses processos, o reforço de uma inferioridade feminina (reconhecida pelo autor na sociedade e justificada, por ele, em seu empreendimento teórico). O autor reconhece que a psicanálise descreve a mulher apenas através de sua função sexual (e isto é bastante relevante, para o autor), todavia ele ressalta que é preciso compreender, para além disso, "que uma mulher também há de ser um indivíduo humano em outros aspectos" (FREUD, 1933, p.293). Referente às críticas feministas, Freud adianta:

A diferença entre os sexos deu à discussão estímulo extra, pois, a cada vez que uma comparação parecia resultar desfavorável ao seu sexo, as damas podiam externar a suspeita de que nós, os analistas homens, não havíamos superado alguns preconceitos muito arraigados em relação à feminilidade, e estávamos pagando isso com a parcialidade da nossa pesquisa. De nosso lado, situando-nos no terreno da bissexualidade, não foi difícil evitar qualquer indelicadeza. Precisamos apenas dizer: 'Isso não vale para vocês. Vocês são uma exceção, mais masculinas do que femininas nesse ponto'. (FREUD, 1933, p. 269)

Este recurso argumentativo é similar ao de apontar, como vimos anteriormente, que nem todo homem seria masculino *em um nível ideal*. Parece que ambos os sexos são suscetíveis de serem masculinos e femininos, reincidindo, talvez, sobre o mesmo erro de superposição que Freud atribui à psicologia. A

diferença, aqui, é recorrer às elaborações acerca da bissexualidade. De todo modo, as mulheres são, notadamente, prejudicadas na teoria freudiana a partir da consolidação da feminilidade tal qual compreendida pelo autor. Para ele, a mulher seria "dotada de menor plasticidade pulsional que o homem" (NAKASU, 2009, p.37) e, portanto, haveria uma fixidez feminina frente a esse estado adverso. Conforme o psicanalista, "não há trilhas para mais desenvolvimento; é como se todo o processo já tivesse decorrido, permanecendo ininfluenciável a partir de então; de fato, é como se a difícil evolução até a feminilidade tivesse esgotado as possibilidades da pessoa" (FREUD, 1933, p. 293).

Este aspecto insuficiente das mulheres, em decorrência de um árduo trajeto para a feminilidade, reverbera em sua posição na cultura. Para Freud, segundo os comentários de Renato Mezan, a cultura é necessária para manter uma comunidade coesa e "assegurar a produção dos meios de subsistência frente a uma Natureza que se apresenta como profundamente hostil" (MEZAN, 1985, p.483). Mas a cultura não é vivida pelo indivíduo sem que se pague um preço (percebido como um mal-estar), posto que ela atuaria pela inibição da agressividade (na figura das pulsões de morte, na teoria freudiana) e das pulsões sexuais. Por isso, ainda segundo Mezan, "a organização social é assim uma arma de dois gumes: como mediação necessária entre a pulsão e seu objeto ela introduz entre ambos uma distância sentida como peso intolerável pelo indivíduo" (MEZAN, 1985, p.483).

Em "O mal-estar na civilização" de 1930, Freud aloca as mulheres na representação da família e da vida sexual neste conflito entre indivíduo e cultura. Nesse sentido, elas "contrariam a corrente da civilização e exercem sua influência refreadora e retardadora" (FREUD, 1930, p. 67). Para os homens a cultura exigiria sublimações pulsionais, das quais as mulheres seriam menos capazes em decorrência do seu processo de formação psíquica, cujo resultado beiraria a um esgotamento. Além disso, o autor aponta para uma resistência das mulheres à cultura (baseada possivelmente na propensão natural delas ao ciúme, no meu entendimento):

Aquilo que [o homem] gasta para fins culturais, retira na maior parte das mulheres e da vida sexual: a assídua convivência com homens, a sua dependência das relações com eles o aliena inclusive de seus deveres como marido e pai. Então, a mulher se vê relegada a segundo plano pelas solicitações da cultura e adota uma atitude hostil frente a ela. (FREUD, 1930, p. 67)

Essa passagem na obra freudiana, somada às demais passagens apresentadas aqui (as quais exprimem o distanciamento das mulheres das funções culturais, na compreensão do autor), possibilita a interpretação de que as mulheres

seriam incompatíveis com a atividade cultural. Este antagonismo entre mulheres e civilização não poderia ser absoluto, pois, na teoria freudiana da cultura, “ninguém vive à margem da cultura a que pertence” (MEZAN, 1985, p.433), isto é, as mulheres não poderiam configurar uma força externa à civilização que agiria contra ela. A representação desta força externa hostil em relação à cultura é a natureza e é ela que deve ser dominada, de acordo com Freud. Outrossim, parece haver uma aproximação entre o feminino e a natureza pelo fator da hostilidade e pela atuação das mulheres enquanto representantes dos interesses sexuais e familiares, anteriores à cultura.²

Apesar de todo o esforço de Freud para compreender e teorizar acerca da feminilidade, ou sobre como uma mulher vem a ser mulher, esses temas são recorrentemente apresentados pelo autor como objetos de difícil apreensão, como um campo obscuro e enigmático. Na conferência “A feminilidade”, um texto tardio em sua produção teórica, o psicanalista adverte seus ouvintes homens de que eles poderiam “cismar a respeito” (FREUD, 1933, p. 265) de suas construções teóricas sobre o caráter feminino, diferentemente das mulheres presentes, pois “elas mesmas são o enigma” (FREUD, 1933, p. 265). De acordo com Freud, devido à má resolução do complexo de Édipo, “ao longo da vida de algumas mulheres, alternam-se repetidamente períodos em que a masculinidade ou a feminilidade tem predominância. Parte daquilo que nós, homens, chamamos de ‘enigma da mulher’ talvez resulte dessa expressão da bissexualidade na vida feminina” (FREUD, 1933, p. 288).

² Neste ponto, apesar de não ser exatamente o objeto deste trabalho, tenho em mente a aproximação entre o feminino e a Natureza exposta por Renato Mezan, em uma passagem de “Freud, pensador da cultura”. Comentando “Totem e tabu” e “Moisés e o monoteísmo”, obras de Freud, Mezan escreve: “[...] O crime contra o pai tem, na teoria freudiana, não apenas a função de fundar a civilização, mas também a de apagar os traços de um outro, inominável mas não menos importante: a violência exercida contra a mãe, contra a sensualidade e contra o feminino, voltando a morte contra a morte, e tornando assim possível o advento da linguagem, do pensamento abstrato e do trabalho da cultura.[...] O feminino assim expulso, porém, vai retornar sob uma outra forma: a da Natureza. Toda a potência a esta atribuída, e contra a qual a civilização vai tentar opor barreiras cada vez mais sólidas (e por isto mesmo cada vez mais frágeis), tem sua origem nesta capacidade de desindividualização inerente à representação do feminino.” (MEZAN, 1985, p.539-40). Menciono este argumento como uma contribuição para a exposição do modo pelo qual Freud caracteriza a feminilidade, mas não cabe, aqui, um maior desenvolvimento.

Isto posto, sendo o complexo de Édipo o ponto de retorno para explicação do caráter social da mulher, consolidado no surgimento de um Supereu mais frágil, explorarei no próximo capítulo a história desse complexo na teoria psicanalítica freudiana. Este recurso proporcionará o debate acerca da centralidade, ou não centralidade, deste conceito para o conjunto teórico do autor. E, com isso, faz-se possível pensar alguns caminhos para uma crítica feminista da psicanálise de Freud.

3. COMPLEXO DE ÉDIPO E SEXUALIDADE

É preciso, agora, dar profundidade ao modo pelo qual o complexo surge e se desenvolve no pensamento de Freud. Isto porque há um percurso tortuoso entre o primeiro momento em que o psicanalista menciona o Édipo e as várias formulações dadas por ele desde a mera noção até o estatuto de um complexo. Na descrição do complexo de Édipo em “Vocabulário da psicanálise”, Laplanche e Pontalis já informam, de antemão, a dificuldade de reconstruir esse percurso e enredamento do Édipo, haja vista que sua história seria paralela à história da própria psicanálise e que, além disto, Freud nunca o teria sistematizado (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982, p.77).

Todavia, Ivan Ramos Estevão, em “A teoria freudiana do complexo de Édipo”, elenca três estágios pelos quais se poderia compreender este percurso. São estes estágios: “o Édipo clínico, do início da obra até 1913, o Complexo de Édipo cultural (ou hereditário) até 1923, e o Complexo de Édipo constitutivo, de 1923 em diante.” (ESTEVÃO, 2017, p.35). Para o comentador, o primeiro estágio é o Édipo referido ao mito narrado por Sófocles, percebido por Freud nos casos clínicos e em sua autoanálise. O segundo concerne especialmente à narrativa de “Totem e tabu” e, por isso, pode ser compreendido como hereditário. O terceiro, já em conformidade com toda a estrutura teórica freudiana, assume o caráter universal em “O Eu e o Id”, enquanto constitutivo de todos os humanos.

Outros comentadores, incluindo Renato Mezan, classificam momentos semelhantes, como o próprio Estevão expõe em seu trabalho (ESTEVÃO, 2017, p.33). Porém, esta classificação que pretendo adotar chama a atenção para um ponto que parece profícuo, a meu ver, ao debate entre a teoria psicanalítica e as teorias feministas. No procedimento de expor a relação entre clínica, metapsicologia e a teoria da cultura – os basilares da produção de conhecimento em psicanálise -, Estevão mobiliza uma série de questões (psicologia do normal, recurso à cultura e, posteriormente, a própria teoria da cultura) que convergem, no fim, para o complexo de Édipo e seu trajeto teórico. Para Estevão, esse conceito

psicanalítico é central para a mobilização de uma dimensão de universalidade em psicanálise, posto que ele perpassa os três componentes basilares supracitados, desde o mito de Édipo à noção edípiana que Freud identifica em sua autoanálise e na escuta clínica, até a passagem da noção ao conceito de complexo de Édipo e sua conciliação com a malha teórica da metapsicologia (ESTEVÃO, 2017, p.270).

No Édipo clínico, Freud depara-se com a constatação de que haveria um motivo para a tragédia de Sófocles causar reações desde a Antiguidade e de ainda não ter sido superada. O psicanalista usa esta referência clássica para ilustrar o fenômeno que ele percebe em si próprio e em seus casos clínicos. Podemos ver em “Vocabulário da psicanálise” que Laplanche e Pontalis também resgatam esta referência ao mito, quando citam o trecho da carta de 10 de outubro de 1897 de Freud a Fliess: “[...] o poder da dominação de Édipo-Rei torna-se inteligível [...]. O mito grego salienta uma compulsão que todos reconhecem por terem percebido em si mesmos marcas da sua existência.” (FREUD, citado por LAPLANCHE; PONTALIS, 1982, p.77)

Apesar de não haver uma formulação teórica para isto no interior da metapsicologia, Freud parece atribuir um *status* já de partida muito grande para o que, até então, não passava de uma hipótese a partir de observações pontuais (ESTEVÃO, 2017, p.35). O elemento textual freudiano mobilizado por Estevão neste estágio também consiste em uma menção que Freud faz ao mito de Édipo nesta carta para Fliess, de 1897. Na redação de Freud, conforme citada por Estevão, lemos: “Descobri, também em meu próprio caso, [o fenômeno de] me apaixonar por mamãe e ter ciúmes do papai, e agora considero um acontecimento universal do início da infância.” (ESTEVÃO, 2017, p. 43).

Neste período em que Freud menciona o mito de Édipo, vale ressaltar, estava em vigência a teoria da sedução. Entretanto, Freud já a colocava em xeque, desacreditando sua “*neurotica*”³, também em carta para Fliess, em 21 de setembro de 1897. Assim, seria necessário formular uma nova teoria que explicasse a etiologia das neuroses. Neste caminho, Estevão aponta que “o abandono da teoria da sedução e a possibilidade de pensar a cena traumática como fantasiada levam a uma constante na clínica: o complexo de Édipo” (ESTEVÃO, 2017, p.45). Em contrapartida, segundo Van Haute e Geyskens, Freud não teria passado instantaneamente a investir no complexo de Édipo. Devido às influências de seu trabalho com Charcot e Breuer, o caminho óbvio seria o regresso à explicação pela hereditariedade, contudo este fator já havia sido desalojado por Freud, que se mostrou relutante em retomá-lo, ainda de acordo com os comentadores. Em um

³ Aqui, refiro-me à teoria das neuroses.

texto de 1906, “Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses”, citado por Van Haute e Geyskens, Freud diz:

Com o deslocamento das influências acidentais da experiência para o segundo plano, os fatores da constituição e da hereditariedade voltaram necessariamente a predominar, porém com a diferença de que, em minha teoria, ao contrário da visão que prevalece em outras áreas, a “constituição sexual” tomou o lugar da disposição neuropática geral. (FREUD, 1906, 275-276 apud VAN HAUTE; GEYSKENS, 2017, p. 45)

Esta contraposição à tese de Estevão será retomada mais adiante, no momento em que será analisado o caso Dora. Este caso evidenciará, novamente, a divergência entre os comentadores acerca da centralidade do Édipo para a teoria psicanalítica. De toda forma, para traçarmos os estágios do Édipo propostos por Estevão, a fim de expor o percurso do conceito, aqui cabe retomar seu argumento.

Segundo o autor, antes de explorar a noção edipiana, Freud teria deixado em suspenso a resolução deste problema, a saber, repensar a cena do trauma recalçado na infância à luz do conceito de fantasia e, para além disso, alocar estas descobertas em uma teoria sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. Ainda que estes temas fossem recorrentes no trabalho freudiano deste período, eles estariam em segundo plano, haja vista que o grande projeto empreendido por ele teria sido “A interpretação dos sonhos”, publicado em 1900.

Conforme dito anteriormente, a suspensão desta problemática, marcada nestas cartas para Fliess, até a sua retomada em “Os três ensaios...”, em 1905, deixa margem para a leitura de que Freud estava gestando o conceito do complexo de Édipo (ESTEVÃO, 2017, p. 49). Conforme destaca Estevão, o Édipo vinha sendo trazido à tona em mais de uma oportunidade, mesmo que secundariamente, assim como a questão da sexualidade. Em “A interpretação dos sonhos”, por exemplo, embora este não seja o cerne do texto, aparece a primeira formulação pública do Édipo. E, do mesmo modo que na carta para Fliess, esta formulação aparece com um caráter de universalidade:

Segundo minhas já numerosas experiências, os pais representam o papel principal na vida psíquica infantil de todos os que mais tarde se tornarão psiconeuróticos, e apaixonar-se por um deles e odiar o outro faz parte da reserva permanente de material de moções psíquicas formado nessa época e que é tão importante para a sintomatologia da neurose posterior. (...) Em apoio a essa descoberta, a Antiguidade nos legou um tema lendário cujo efeito profundo e universal só se torna compreensível mediante uma universalidade semelhante da hipótese da psicologia infantil em discussão. Refiro-me à lenda do rei Édipo e ao drama homônimo de Sófocles. (FREUD, 1900/2010, p. 283)

Tendo em vista que o complexo de Édipo padece ainda, notadamente, de um entrave para a sua inserção na teoria psicanalítica, sua observação é recorrente na clínica. Alguns casos são fundamentais para a sua compreensão porque, inclusive, suscitam questões para Freud que viriam a se refletir no esforço do psicanalista para incluir o Édipo em sua malha teórica.

O primeiro caso clínico deste tipo, relatado por Freud, é a “Análise fragmentária de uma histeria”, conhecido como “caso Dora”, publicado em 1905. O caso narrado por Freud consiste na análise de uma jovem de 18 anos, por solicitação do pai, ocorrida em 1900. Esta paciente encerrou por conta própria seu contato clínico com Freud, cuja duração ultrapassou apenas um mês.

A descrição, feita por Freud, do caso de Dora aponta para a relação muito próxima da menina para com seu pai e para um distanciamento afetivo em relação à mãe. A saúde debilitada do pai em diversos momentos do crescimento de Dora fez com que a família se mudasse para uma cidade, onde eles conheceram um casal, o Sr. e Sra. K. Este casal tornou-se bastante próximo da família de Dora, em especial a Sra. K e o pai de Dora, fato que instiga na garota especulações sobre um relacionamento extraconjugal entre eles. Enquanto a Sra. K teria assumido o lugar de Dora nos cuidados com a saúde do pai (consumindo também sua atenção, o que motiva ciúmes na menina), o Sr. K aproximava-se de Dora. A investida mais explícita do Sr. K, de acordo com os relatos da garota na análise, ocorreu quando ela tinha 14 anos, ele havia tentado beijá-la. Anos mais tarde ele teria tentado uma relação sexual com ela. Estes fatos teriam sido relatados para a mãe de Dora e negados pelo Sr. K, com a conivência do pai dela. Nesta época, por não ter sido acreditada, a garota teria escrito uma carta de suicídio. Para Freud, a garota sentira como se o pai a tivesse usando como troca, ao facilitar o acesso de Sr. K a sua filha enquanto ele dedicava seu tempo à Sra. K. Outro ponto relevante no relato deste caso é a descrição da relação de Dora com a Sra. K. Esta mulher que a garota insistentemente acusa relacionar-se com seu pai é, ao mesmo tempo, muito próxima de Dora. Freud, inclusive, aponta que a garota teria uma postura homossexual para com a Sra. K.

O diagnóstico do analista apontava para uma desordem histérica advinda de um trauma psíquico, sendo este trauma vivenciado pela jovem na cena de sedução causada pelo Sr. K. Apesar desse evento ser muito significativo, Freud relata sintomas da infância de Dora, antecedentes ao ocorrido. Ela urinava na cama até os oito anos, depois havia desenvolvido asma crônica. Mais tarde, aos 12, a menina tinha crises de enxaqueca e tosse. Este último sintoma nervoso chegava a durar semanas. A tosse era recorrente, fazendo com que, em uma oportunidade, a garota perdesse totalmente a voz.

Mesmo levando em conta o relato de Dora sobre a cena de sedução do Sr. K, Freud explora nessa análise com mais atenção o conflito psíquico percebido por ele na natureza da relação da menina com o pai. Este destaque, nas considerações do psicanalista, poderia evidenciar uma mudança no horizonte clínico em função da descoberta dos sentimentos edípicos e sua relação com a origem das neuroses. Para Freud, os sintomas de Dora são relativos a uma defesa dos desejos sexuais inconscientes direcionados ao pai. Ainda segundo o autor, a jovem provavelmente teria encerrado sua análise precocemente por recusar suas interpretações e essa resistência seria, também, significativa.

Segundo Estevão, é nesse caso clínico que Freud teria testado sua hipótese, que vinha sendo construída, na qual o Édipo teria um papel central na etiologia das neuroses. Esta hipótese deriva da sua insatisfação com a teoria da sedução e da percepção de seus próprios sentimentos edípicos por meio de um sonho. Desde “A interpretação dos sonhos”, Freud expõe a tese de que os sonhos seriam realizações de desejos inconscientes. Do abandono da teoria da sedução em função de uma cena fantasiada e, ao mesmo tempo, no expediente de verificar a relação da fantasia com este sentimento edípico, Freud teria tido a oportunidade de efetuar o teste desta hipótese na clínica, no caso de Dora (ESTEVÃO, 2017, p.66).

Aqui, mais uma vez, o argumento de Van Haute e Geyskens se contrapõe à tese de Estevão. O caso Dora, de acordo com esses comentadores, é mais ilustrativo de um movimento na teoria freudiana não associado às questões do Édipo (questões, estas que não se fazem presentes nas cartas a Fliess e na primeira edição dos “Três ensaios...”, ainda segundo os autores). O ponto de Van Haute e Geyskens é que, no caso Dora especialmente, Freud empreende uma transição da teoria do trauma para a teoria da disposição e que esta última seria presença forte nas cartas e nos “Três ensaios...” de 1905. Sendo o trauma causado por um agente perverso, o autor do destino neurótico daquela pessoa que vivenciou o trauma seria outrem. Levando em conta a teoria da disposição, o que determinaria o destino do neurótico não seriam circunstâncias acidentais, mas uma “constelação libidinal específica que se expressa [na história do neurótico e em sua reação] a eventos traumáticos” (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2017, p. 48). Esta disposição referenciada pelos comentadores se relaciona a dois fatores que se conectam: a bissexualidade inata e o recalque orgânico das zonas erógenas.

Ao atualizar Fliess sobre o caso Dora, por meio de carta em 1º de agosto de 1899, Freud teria mostrado interesse em explorar a noção de bissexualidade (introduzida a Freud por Fliess) e, para além disso, Freud teria esboçado o que viriam a ser os “Três ensaios...” tendo em mente a bissexualidade como fio condutor, ainda segundo Van Haute e Geyskens.

Uma compreensão do desejo sexual nos termos da bissexualidade parece estar marcada por constatações clínicas sobre a histeria: pela observação de mudanças históricas de orientação sexual e de identidades de gênero e, mais profundamente, pela experiência de uma multiplicidade original do desejo. Freud considera o problema da bissexualidade uma questão universal do ser humano, que se expressa na histeria de maneira exagerada e fecunda. (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2017, p. 49)

Sobre o recalque orgânico das zonas erógenas⁴, Van Haute e Geyskens apontam que Freud investiga as zonas erógenas no contexto das perversões sexuais, nos “Três ensaios...”, mas esta questão foi fundamental anteriormente, na análise dos sintomas históricos na clínica. Neste momento, Freud relacionou zonas erógenas às zonas hysterogênicas. No exemplo citado pelos comentadores, “sintomas de conversão oral são expressões de um desejo oral, que em alguém perverso – e, portanto, saudável – levaria à predileção pela felação”. O recalque desse desejo, no caso de uma histórica, manifestar-se-ia em “sintomas orais dolorosos” (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2017, p. 51).

Para Van Haute e Geyskens, estes fatores que determinam a disposição histórica são universais entre os humanos, mas se expressam de forma exagerada nos casos de histeria. Ambos estão presentes no caso Dora, no relato da repulsa de Dora aos investimentos de Sr. K (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2017, p. 59) e no interesse de Dora pela relação de seu pai com a Sra. K, mulher com quem ela própria, Dora, tinha uma relação de intimidade (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2017, p. 65). De acordo com os autores, “a maioria dos comentários, advindos das mais diversas tradições da psicanálise, não apenas fornecem uma explicação edipiana à “petite hystérie” de Dora, como também, injustamente atribuem a Freud a autoria de tal explanação” (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2017, p. 63).

O caso Dora foi publicado no mesmo ano dos “Três ensaios...”, considerado um texto nodal na obra de Freud e, como o próprio nome indica, dedicado à questão da sexualidade. Aqui, cabe apontar outro argumento de Philippe Van Haute, em outro texto, agora escrito conjuntamente com Herman Westerink. Para estes comentadores, o entrave do complexo de Édipo na malha teórica da metapsicologia, com o abandono da teoria da sedução, consistia ainda em um outro problema: na natureza da relação das crianças para com a mãe e o pai

⁴ Para Freud, em “Os Três Ensaios” (p.80), as zonas erógenas predominantes na sexualidade infantil seriam recalçadas em função do desenvolvimento da moralidade, determinado pela educação das crianças e, principalmente, por fatores orgânicos de origem hereditária. Este processo se manifestaria através dos sentimentos de nojo e vergonha, além dos ideais estéticos e morais. Para o psicanalista, a determinação orgânica prevaleceria, independente da educação. Neste caso, à educação caberia apenas deixar “uma marca mais limpa e mais profunda”(p.80) no desenvolvimento moral.

ser compreendida sexualmente, designando a estes papéis de objeto de investimento libidinal, em uma fase que, de início, seria exclusivamente autoerótica, tal como entendida nesta primeira edição dos “Três ensaios...”. Segundo estes autores, a inclusão do complexo de Édipo só poderia ganhar o caráter teórico quando Freud abandonasse, mesmo que ponderadamente, a dicotomia entre sexualidade infantil (autoerótica) e a sexualidade da puberdade (objetal). Isto começaria a se esboçar no contexto da análise do pequeno Hans, publicada em 1909. (VAN HAUTE; WESTERINK, 2016, p.IV).

Neste caso, Freud associa mais uma vez a neurose com os sentimentos edípicos identificados por ele. Em especial, fica evidente um novo aspecto, a ambivalência do Édipo, o conflito entre o ódio do menino em relação ao pai por significar um impedimento da satisfação incestuosa e, simultaneamente, o amor que o menino sente pelo pai (ESTEVÃO, 2017, p. 69). Não obstante, a questão da natureza da relação que as crianças têm com os pais só é sistematizada na edição de 1915 dos “Três ensaios...”, onde Freud reformula essa dicotomia referida por Van Haute e Westerink, postulando que a escolha do objeto se dá em duas fases, ou duas ondas, nas quais a escolha do objeto se daria primeiramente na infância (entre três e cinco anos) e, posteriormente, na puberdade. Ainda, Freud aponta que a sexualidade da puberdade e adulta pode ser considerada como “persistência” ou “retomada” da escolha objetal infantil. Nas palavras de Freud, “a descoberta do objeto é, na verdade, uma redescoberta” (FREUD, 1905, p.143).

Van Haute e Westerink também colocam em evidência o fato de Freud ter mencionado diretamente o complexo de Édipo só em duas oportunidades ao longo dos “Três ensaios...” e somente em notas de rodapé acrescentadas em edições posteriores (Nota 78, adicionada na edição de 1915 e complementada em 1924). Este ponto será retomado mais adiante, oportunamente. Primeiro, faz-se importante entender o que muda em termos de teoria psicanalítica, na passagem do Édipo clínico para o Édipo cultural, naquela classificação de estágios proposta por Estevão. O texto que marca este novo estágio, para o comentador, é “Totem e tabu”, publicado em 1913. Isto porque é nele que Freud centraliza elementos que estavam sendo mobilizados de maneira dispersa, a saber, a passagem da sexualidade infantil para a adulta, o próprio Édipo clínico, bem como a moral e a autocensura. Estevão aponta para o esforço de Freud para “ligar as imposições clínicas do complexo de Édipo – como núcleo da neurose e fundamento último das associações e conflitos dos pacientes – e a questão da moral” (ESTEVÃO, 2017, p.106).

O interesse de Freud pela moral advém também da clínica, a partir do questionamento sobre qual seria o motivo de algumas representações serem tão

intoleráveis (no sentido de ameaçar o Eu) a ponto de serem recalçadas. O psicanalista aposta então que este motivo seria de ordem moral. Dito de outro modo: quando Freud situa a sexualidade na etiologia das neuroses, resta saber por qual motivo a sexualidade pode ser tão penosa a ponto de necessitar de uma defesa, do recalque, e gerar uma patologia psíquica. Pelas suspeitas recaírem sobre os fatores sociais de repressão da sexualidade, o psicanalista passaria, então, a investigar justamente o aspecto moralizante da cultura. Estevão diz que Freud já vinha esboçando esta relação em um texto prévio ao “Totem e tabu”, a saber, “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna”, também de 1908. O comentador defende: “A ideia nova aqui [em “Moral sexual...”] é que Freud sustenta a tese de que a cultura repousa sobre a repressão pulsional. [...] Falamos aqui do mecanismo de *sublimação* que se vale do recalque para desviar as pulsões sexuais para fins culturais” (ESTEVÃO, 2017, p. 119).

Distanciando-se do fator da hereditariedade enquanto principal causa das neuroses, em “Totem e tabu” Freud vai buscar a “etiologia da neurose na gênese da humanidade” (ESTEVÃO, 2017, p. 120). Aqui vale destacar o comentário de Estevão que afirma haver um aspecto desenvolvimentista no argumento freudiano neste texto, no que tange a analogia que o psicanalista faz entre a sexualidade infantil (descentralizada e desorganizada – como abordada por Freud) e a sexualidade dos “povos primitivos”. Da maneira que Freud postula as relações destes primeiros grupos da humanidade, observa-se que não são desorganizadas como a sexualidade infantil, entretanto elas estariam em uma fase muito próxima, mas posterior ao autoerotismo (sem que ainda configure uma relação similar à puberdade).

Freud define as relações destes povos primitivos como exogâmicas, isto é, um indivíduo não poderia se relacionar sexualmente com mulheres que seguissem o mesmo totem, incluindo a própria mãe. Este veto (ao incesto) geraria um conflito psíquico entre o desejo de romper com este veto e a culpa por este desejo. Freud aproxima este conflito psíquico do conflito vivido pelos neuróticos, especialmente os obsessivos, de modo que a neurose seria um retorno às condições psicosexuais infantis e estas condições se assemelhariam às dos povos primitivos. Para além disso, o psicanalista aposta que seria possível dar um tratamento ao tabu equivalente ao tratamento dirigido ao neurótico, concluindo-se daí que: 1) os motivos das proibições “tabus” seriam inconscientes; 2) os tabus são proibições com origem nos primórdios da humanidade e devem ser reproduzidas “de forma violenta” pela geração anterior; 3) Estas proibições são tão fortes quanto as inclinações que lhes são opostas (ESTEVÃO, 2017, p. 122).

Destes argumentos, segundo Estevão, Freud centralizaria os elementos que ele vinha mobilizando conforme foi exposto até aqui. Esquemáticamente, entende-se que, sendo os neuróticos tal como os povos primitivos e, estes, sendo como crianças, haveria de existir uma mesma fonte para o comportamento ambivalente. Este é o ponto-chave: a relação entre a ambivalência percebida por Freud na clínica, em relação aos sentimentos edípicos, e o medo e a admiração pelo pai, fonte do veto incestuoso que suscita desejo e culpa em um grupo primitivo.

É a partir desta ligação que Estevão aponta para o expediente de universalização do Édipo feito por Freud. O animal totêmico é o pai e as duas normativas do totemismo são não matar o totem e não se relacionar sexualmente com as mulheres pertencentes ao grupo designado pelo totem. Estas normativas são exatamente, segundo Freud, os dois crimes de Édipo. Esses são os desejos recalçados na infância “cujo recalque⁵ insuficiente ou cujo redespertar forma o núcleo talvez de todas psiconeuroses” (FREUD, 1912, p. 203). Freud aposta que este sistema totêmico remete ao passado mais remoto e seria o resultado “das condições do complexo de Édipo” (FREUD, 1912, p.203). Para Estevão, “A análise de ‘Totem e tabu’ não deixa muita dúvida quanto ao modo pelo qual Freud conduz suas pesquisas no âmbito social: através da analogia entre fatos culturais e casos clínicos que levam inexoravelmente ao complexo de Édipo” (ESTEVÃO, 2017, p. 123). Além disto, para Estevão, o movimento contido em “Totem Tabu” coloca a psicanálise em um novo âmbito, o social, na medida em que lança a teoria da cultura – fundamental para conciliar os conflitos teóricos enfrentados pela metapsicologia, como a questão da hereditariedade (enquanto um fator, mas não o principal na etiologia da neurose), a sexualidade e o aspecto clínico e teórico do Édipo.

Mais uma vez, a leitura de Van Haute e Geyskens contrasta com a de Estevão, agora acerca da obra freudiana “Totem e tabu”. Para tanto, os comentadores mobilizam o argumento de Jacques Lacan de que a narrativa histórica (acreditada por Freud como sendo a descrição da origem real da sociedade) difere amplamente do conteúdo do mito de Édipo. Para Lacan, na formulação de Van Haute e Geyskens, o assassinato do pai quebraria o veto incestuoso na versão do complexo de Édipo, enquanto em “Totem e tabu” a questão não é o incesto, especialmente, mas o acesso ao prazer ilimitado (até então,

⁵ Na tradução de Paulo César de Souza para a edição da Companhia das Letras, o termo utilizado aqui é “repressão”. Contudo, optei, em meu próprio texto, pelo termo “recalque” para verter *Verdrängung*, que é o termo originalmente empregado por Freud e que se refere ao conceito metapsicológico relativo à “operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações [...] ligadas a uma pulsão” (LAPLANCHE&PONTALIS, 1982, p.430)

permitido só ao pai). No caso da narrativa de “Totem e tabu”, o parricídio não implica o alcance deste prazer ilimitado, mas um sentimento de culpa. Esta culpa faz com que o acesso ao prazer, que antes somente o pai tinha, continue impossibilitado, por uma forma diferente de obediência à lei do pai (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2017, p. 147). Por este motivo, o complexo de Édipo não poderia ser entendido como uma continuação fiel do mito original.

Não obstante, para retomarmos a historiografia do complexo de Édipo traçada por Estevão, o comentador considera que em “Totem e tabu” Freud teria resolvido os impasses teóricos do complexo. Até que outra constatação clínica, que adquiria o *status* de conceito, é formalmente apresentada pelo psicanalista na obra “Sobre o narcisismo: uma introdução” de 1914. A verificação deste fenômeno clínico é tão pujante que abalou, mais uma vez, o edifício teórico freudiano e gerou importantes consequências (ESTEVÃO, 2017, p.146). Não cabe aqui reconstruir todo o percurso argumentativo, o qual se desenrola em diversos textos de Freud, entretanto alguns pontos são fundamentais para a compreender como este novo cenário da sua produção teórica alavanca o Édipo cultural ao estatuto de constitutivo de todos os seres humanos. Afinal, desde o início deste capítulo, é este movimento da clínica à universalidade em psicanálise, a partir do complexo de Édipo como sustentado por Estevão, que pode evidenciar a centralidade do conceito para a teoria psicanalítica freudiana.

A descoberta do narcisismo colocou em xeque a importante teoria das pulsões e exigiu de Freud uma nova formulação. Se, antes da descoberta deste fenômeno, Freud defendia haver dois tipos de pulsão, as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação (ou pulsões do Eu), a partir do narcisismo esta distinção tornava-se despropositada. O narcisismo, compreendido pelo autor como uma fase entre o autoerotismo e a escolha objetal, gerou notáveis considerações acerca da sexualidade infantil através da nova concepção de organizações pré-genitais. O problema destas novas considerações consistia na indicação de que haveria apenas um tipo de pulsão sexual que, em um primeiro momento, o investimento libidinal se daria no Eu e, com o desenvolvimento psíquico, buscaria um objeto. Freud, como explica Estevão, negava o monismo pulsional de Carl Jung, o qual apostava em uma única libido que originaria diversas manifestações pulsionais. O argumento exposto por Estevão é de Laplanche em “Problemáticas III: A sublimação”: “Ampliar até universalizar o conceito de libido é abandonar seu conteúdo sexual” (LAPLANCHE, 1989, p.18 apud ESTEVÃO, 2017, p. 163). Tendo em vista a relevância da sexualidade na malha conceitual de Freud e seu papel na etiologia das neuroses, assumir o monismo pulsional nestes moldes abalaria a noção de conflito psíquico (as representações sexuais intoleráveis ao Eu)

fundamental para a psicanálise freudiana. Então, caberia ao autor um ajuste teórico na teoria das pulsões.

Isso ocorre no texto “Além do princípio do prazer” em 1920, quando Freud apresenta a pulsão de morte. O que ocorre neste texto é a aglutinação das pulsões sexuais às pulsões de autoconservação no conceito de pulsão de vida e isto resolveria o dilema com o qual o psicanalista havia se deparado desde a descoberta do narcisismo. As pulsões de morte, por sua vez, representariam o oposto e preservaria o conflito psíquico tão caro à psicanálise freudiana. Segundo Estevão, as observações clínicas de Freud relativas às compulsões pela repetição e às neuroses traumáticas apontariam que “há algo mais do que o sexual que impulsiona o indivíduo e o mais importante é que impulsiona no sentido contrário às pulsões sexuais: impulsiona para o desligamento e a morte” (ESTEVÃO, 2017, p.169). Este tipo de pulsão é caracterizado pelo movimento de retorno ao estágio mais estático possível, o inorgânico.

Com a nova teoria das pulsões surgiria, segundo Estevão, um novo impasse para o complexo de Édipo:

[...] ao unificar as pulsões do Eu com as pulsões sexuais, não há mais possibilidade de se pensar o objeto sexual como apoiado sobre o objeto da pulsão do Eu, o que impossibilita também a diferenciação entre sentimentos ternos e sentimentos sexuais.
(ESTEVÃO, 2017, p. 170)

Em função deste impasse, ainda de acordo com Estevão, o complexo de Édipo entraria em um “limbo teórico” até um novo investimento de Freud em “Psicologia das massas...”. Este texto, como já visto no capítulo anterior deste trabalho, traz dois movimentos que possibilitarão o salto do complexo de Édipo para o seu estatuto de constitutivo. O primeiro movimento é o de criar condições para se pensar divisões no Eu, a partir da concepção de um ideal do Eu. O segundo movimento é o de explorar o conceito de identificação.

Este passo da argumentação de Freud se desdobra na segunda tópica, apresentada em “O Eu e o Id”. Como vimos, é neste texto que Freud situa o Supereu como um herdeiro do complexo de Édipo na medida em que ele é superado. É então que os impasses teóricos são resolvidos e o complexo pode ser pensado como formador de uma instância psíquica em todos os seres humanos.

É importante observar também, como já antecipei em uma passagem deste capítulo, que foi nesse período de sua produção que Freud acrescentou uma nota de rodapé sobre o complexo de Édipo na edição de 1920 de “Os três ensaios...” e a completou em 1924. Também foi neste período, à luz deste novo cenário teórico, que o autor acrescentou a fase fálica no desenvolvimento infantil em “Os três ensaios...”. E o pavor da castração é suficientemente forte para dissolver o complexo de Édipo uma vez que ocorre na duração desta fase de primazia do falo,

como busquei expor no capítulo anterior. Contudo, para Van Haute e Geyskens, uma menção tão marginal ao Édipo em uma obra tão expressiva quanto “Os três ensaios...” simbolizaria o papel secundário do complexo na teoria da sexualidade freudiana.

De toda maneira, as considerações de Estevão acerca da primordialidade do complexo de Édipo parecem se sustentar na redação de pelo menos uma das notas de rodapé referidas:

[...] Diz-se, com razão, que o complexo de Édipo é o complexo nuclear da neurose, que constitui a parte essencial do seu conteúdo. Nele culmina a sexualidade infantil, que, por seus efeitos ulteriores, influi decisivamente na sexualidade do adulto. Cada novo ser humano enfrenta a tarefa de lidar com o complexo de Édipo; quem não consegue fazê-lo, sucumbe à neurose. O avanço do trabalho psicanalítico tornou cada vez mais nítida a importância do complexo de Édipo; o reconhecimento dele se tornou o xiboleto que distingue os adeptos da psicanálise de seus opositores. (FREUD, 1905, p.148, nota 78)

Se o complexo de Édipo é central para a compreensão da universalidade na psicanálise e se ele é, também, a chave de uma crítica feminista à psicanálise (pelas implicações do complexo no que se refere ao terror da castração, à inveja do pênis e ao Supereu das mulheres posto como fragilizado em função da saída do Édipo, bem como o suposto caráter social feminino deficiente), este ponto precisa ser melhor explorado, a meu ver, para uma melhor aproximação do impasse na argumentação de Freud acerca da feminilidade. É preciso entender o *peso* do complexo de Édipo para a teoria psicanalítica de Freud para poder, assim, entender o *peso* dele na sua acepção do feminino.

Na tese de Estevão, o complexo de Édipo é incontornável. Vemos isso, por exemplo, no modo pelo qual ele encerra seu texto:

[...] No ponto final da elaboração freudiana, fica inviável pensar a clínica, dar harmonia à metapsicologia e postular e desenvolver a teoria da cultura sem recorrer ao Complexo de Édipo. Dessa forma, não há clínica, metapsicologia ou teoria da cultura sem o Complexo de Édipo.[...]
Supor que o Complexo de Édipo, por si só, já tem essa importância seria no mínimo uma ingenuidade infantil. Não há complexo de Édipo sem todo o edifício teórico da psicanálise. Contudo, ele parece ser mais central para se pensar a condição humana do que qualquer outro conceito.” (ESTEVÃO, 2017, p.274)

Se assumirmos a tese de Estevão e levarmos em conta o complexo de Édipo, em toda a sua centralidade, tal qual Freud dedicou seus esforços para encaixá-lo no conjunto conceitual psicanalítico - isto é, se assumirmos o complexo de Édipo na formulação freudiana mais pura e sem ressalvas - a meu ver, o impasse

com o feminismo se sustenta e, então, as críticas endereçadas a esta questão são, de fato, prementes.

Contudo, há ainda uma outra possibilidade interpretativa que vem à luz da tese de Phillip Van Haute e Tomas Geyskens. Esta tese já vem sendo evidenciada nas contraposições aos argumentos de Estevão que procurei expor até aqui. Mas ela vai além, pois há um novo horizonte proposto pelos comentadores: uma chave interpretativa das obras de Freud, considerando esse esforço já mencionado de incluir o complexo de Édipo na malha teórica psicanalítica como um esforço, na verdade, de cunho desenvolvimentista - na contramão do que os comentadores consideram a maior contribuição da psicanálise freudiana para a filosofia (mais importante inclusive que o conceito de inconsciente), a saber, a formulação de que as neuroses não seriam uma negação da normalidade, mas, antes, um exagero de “forças e tendências que formam e determinam a nossa existência” (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2017, p. 19). A tese desses comentadores é um tanto quanto categórica também, contudo, no sentido inverso de Estevão:

A tensa relação entre as perspectivas patoanalítica e desenvolvimentista, que caracteriza os trabalhos de Freud e a psicanálise, está ligada à inserção do complexo de Édipo. [...] Nossa leitura rompe com interpretações clássicas da evolução do pensamento freudiano. Tanto seus defensores como também seus críticos, muito frequentemente, argumentam que Freud cria a psicanálise no momento em que desconecta a histeria de um trauma sexual real e passa a associá-la a um desejo (motivado pelo Édipo) de sedução do pai. Mostraremos que esse ponto de vista não faz jus aos textos freudianos e que, em certa medida, o desenvolvimento da perspectiva psicanalítica precede e independe desse infame complexo. (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2017, p.25-26)

Para compreender o centro dessa questão, cabe buscar expor o que Van Haute e Geyskens chamam de abordagem psicogênica das neuroses, de inclinação desenvolvimentista. Além disto, faz-se importante explicar o que seria a abordagem patoanalítica, a qual os autores equivalem a uma “antropologia clínica”.

Segundo os comentadores, Freud, em sua ampla empreitada clínica e teórica sobre a histeria, teria efetuado um grande avanço na questão da normalidade e da patologia, compreendendo a relação não de uma maneira oposta (um indivíduo neurótico não é normal), mas sob uma abordagem que diz respeito à intensidade com que a neurose se manifesta em cada indivíduo – e é a esta abordagem a que eles se referem por antropologia clínica.

Por esta razão a perspectiva patoanalítica nos estimula, de acordo com Freud, a assumir uma atitude ao estilo antigo, isto é, uma atitude de respeitosa modéstia com relação àqueles que

sofrem em razão de doenças psíquicas, pois suas vidas simbolizam problemas que também determinam nossas existências. (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2017, p. 23)

Ainda de acordo com esses autores, todo o esforço de Freud em incluir o complexo de Édipo em sua malha teórica iria na contramão deste avanço patoanalítico porque o próprio complexo carrega consigo uma pressuposição de normalidade em sua superação: “Neuroses seriam tentativas frustradas de levar a crise edipiana da infância ou puberdade a uma *boa* conclusão” (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2017, p. 24). Daí, conclui-se que o neurótico sofre de um distúrbio de desenvolvimento – que poderia ser mensurado a partir de um desenvolvimento normal.

Estes autores propõem, distanciando-se largamente da linha de Estevão, “a possibilidade e a importância de uma metapsicologia psicanalítica não edipiana” (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2017, p. 26). A partir de textos iniciais de Freud sobre histeria, os comentadores apontam para o caráter antropológico da teoria freudiana. Para eles, as tendências dirigidas à normalização e à psicologização só se fazem presentes na teoria freudiana em seus textos tardios, quando o assunto é o complexo de Édipo. Entretanto, Freud não teria se tornado um “psicólogo desenvolvimentista e normativo” (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2017, p.185) a partir de seu investimento na explicação edipiana das neuroses. O fator da bissexualidade permanece sendo cotado para lidar com as tensões relativas à patoanálise, para os comentadores. Neste ponto, Van Haute e Geyskens expõem o que chamam de “um dos paradoxos-chave do pensamento freudiano” (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2017, p.184), o qual destacaria uma incompatibilidade do complexo de Édipo com a tese da disposição bissexual.

Ao analisar a homossexualidade, por exemplo, se assumirmos que ela está ligada à disposição bissexual geral, assumimos também que ela não é intrinsecamente patológica. Por outro lado, se a assumirmos a partir da explicação edipiana, a homossexualidade poderia ser apreendida como uma má resolução ou uma não superação do complexo de Édipo, uma vez que, por meio do Édipo, “Freud parece, em última análise, sustentar a ideia de que a sexualidade deveria fundamentalmente ser compreendida a partir de uma pulsão heterossexual” (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2017, p.184-5).

Para estes comentadores, ainda que a abordagem patoanalítica de Freud (ou antropologia clínica) tenha sido parcialmente abandonada em função do complexo de Édipo (e toda a normatividade inerente a ele), alguns fatores desse empreito não foram preteridos e precisam ser reconhecidos no interior deste conflito com a tendência desenvolvimentista nas obras freudianas. Assim, talvez, o complexo de

Édipo não devesse ser tomado como o principal expoente na questão formativa do psiquismo humano. Van Haute e Geyskens partem dos textos freudianos sobre a histeria para expor os elementos patoanalíticos. Todavia, os autores evidenciam a carência de novas elaborações sobre as demais neuroses. Esta alternativa ao complexo de Édipo daria margem, então, para novos problemas. Os comentadores elencam alguns:

Como exatamente deveríamos abordar a analogia entre patologia e cultura? Que implicações essa abordagem teria para o estatuto da sublimação no trabalho de Freud? Qual o estatuto das categorias patológicas que Freud utiliza em seu ponto de partida? E assim por diante... (VAN HAUTE;GEYSKENS, 2017, p. 194)

Acrescento, portanto, outras questões tendo em vista o problema explorado neste trabalho: Quais mudanças a abordagem patoanalítica implicaria na acepção psicanalítica da feminilidade ou da masculinidade? Como a patoanálise incidiria sobre a formação psíquica dos sexos e sobre as consequências relativas a ela? Não há, nas elaborações de Van Haute e Geyskens, elementos da teoria freudiana que lidem com estas questões de forma patoanalítica.

Dessa forma, sendo o Édipo, conforme exposto até aqui, o conceito psicanalítico de maior tensão com o feminismo, se assumirmos a tese de Van Haute e Geyskens, então, as críticas feministas à psicanálise que se ocuparam e se encerraram em combater a formulação freudiana deste complexo - entendendo-o como basilar de toda metapsicologia – combateram um problema que talvez possa, na verdade, ser contornado e até abandonado. Restaria, portanto, uma nova investigação acerca do verdadeiro conflito entre essas duas áreas, caso exista um.

Porém, é possível apontar ainda um terceiro caminho para a tensa relação entre psicanálise e feminismo. Juliet Mitchell também aborda na introdução de “Feminismo e psicanálise” esta questão da universalidade, posto que, para a comentadora, Freud teria empreendido em sua teoria da sexualidade feminina um diagnóstico de seu tempo e contexto social. Ainda sendo um diagnóstico construído, sobretudo, com base na estrutura psíquica das mulheres da classe média de Viena, a teoria psicanalítica poderia ser tomada como descrição universal do modo pelo qual o indivíduo adquire a cultura? (MITCHELL, 1974, p.23). A autora aponta que alguns conceitos da teoria psicanalítica freudiana (como o complexo de Édipo, por exemplo) trataria, antes, de uma tomada consensual a despeito das diversidades, ainda que ela não questione a relevância da teoria da sexualidade de Freud para a compreensão da feminilidade, mesmo que passível de críticas.

[...]A Psicanálise, como qualquer outro sistema de pensamento, foi formada e desenvolvida numa determinada

época e num determinado lugar; isto não invalida a sua reivindicação de leis universais, significa somente que estas leis têm de ser extraídas de sua problemática específica – as condições materiais particulares de sua formação. Com relação a isto, precisamos conhecer as circunstâncias históricas de seu desenvolvimento, principalmente para não as limitar a tais circunstâncias. (MITCHELL, 1974, p.22)

Então, haveria uma alternativa, seguindo o eixo de Mitchell, em alocar o complexo numa função diagnóstica para a opressão de gênero. Como aponta Mitchell, “há também o fato de que, ao partir para uma análise das operações da ideologia e das leis da sociedade humana, Freud teve de reconhecer que a sociedade e a ideologia são patriarcais” (MITCHELL, 1974, p.18). No ensaio “O tráfico de mulheres”, Gayle Rubin aposta em uma relação simbiótica entre a antropologia estruturalista de Lévi-Strauss e a teoria psicanalítica de Freud para situar a origem da opressão de gênero. Neste expediente, o complexo de Édipo preencheria uma lacuna da qual o sistema de parentesco⁶ não dá conta por si só e a recíproca também é válida. Isto demonstra a relevância dada ao complexo no interior dessa coadunação proposta por Rubin:

A maneira precisa como Freud e Lévi-Strauss convergem é impressionante. Os sistemas de parentesco pressupõem uma divisão dos sexos. A fase edípica divide os sexos. Entre os sistemas de parentesco, há conjuntos de regras que gerem a sexualidade. A crise edípica consiste na assimilação dessas regras e tabus. A heterossexualidade compulsória é produto do parentesco. A fase edípica institui o desejo heterossexual. O parentesco se assenta em uma diferença radical entre os direitos dos homens e os direitos das mulheres. O complexo de Édipo atribui direitos masculinos ao menino e obriga a menina a viver com direitos mais limitados. (RUBIN, 1975, p.49)

Rubin, assim como Van Haute e Geyskens, aposta em um expediente antropológico na teoria freudiana, porém, a partir do complexo de Édipo. Para a autora, as teorias feministas teriam caminhado bastante pelo terreno da demonstração das opressões, principalmente no âmbito do marxismo clássico. Entretanto, destaca Rubin, elas teriam sido insuficientes para situar a origem da opressão de gênero, ao passo que a psicanálise freudiana, juntamente com o estruturalismo de Lévi-Strauss, contemplariam esta investigação da melhor maneira, a despeito das intenções destes teóricos.

Dito isto, ela expõe, então, a tese de que o movimento feminista precisaria buscar transformar o sistema de parentesco, bem como as relações edípicas da

⁶ A antropóloga Gayle Rubin define o sistema de parentesco como “imposição de uma organização cultural sobre os fatos da procriação biológica” (RUBIN, 1975, p.22). A abordagem da autora relativa a este conceito é proveniente da obra “As estruturas elementares do parentesco” de Claude Lévi-Strauss, publicada em 1949.

cultura, se pretendesse algum êxito no enfrentamento com o sistema de sexo/gênero (patriarcado), definido, por Rubin, como “uma série de arranjos por meio dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas.”(RUBIN, 1975, p.11). Para tanto, é necessário reivindicar e empreender mudanças maciças, desde o arranjo familiar (como disponibilidade igualitária de pais e mães no cuidado com as crianças, por exemplo) como também na esfera do direito, da educação e da arte.

Se a minha leitura de Freud e Lévi-Strauss estiver correta, ela sugere que o movimento feminista deve tentar resolver a crise edípica da cultura reorganizando o domínio do sexo e do gênero de modo que cada experiência edípica individual seja menos destrutiva.

[...] Muitos dos elementos da crise edípica teriam de ser modificados para que essa fase deixasse de ter efeitos tão desastrosos sobre o ego das jovens mulheres. A fase edípica instaura uma contradição na menina, impondo-lhe exigências irreconciliáveis. Por um lado o amor da menina pela mãe é motivado pelos cuidados que esta lhe dedica. Em seguida, a menina é forçada a deixar esse amor de lado por conta do papel sexual feminino – pertencer a um homem. Se a divisão sexual do trabalho levasse mulheres e homens a se envolver igualmente no cuidado com as crianças, a escolha primeira do objeto sexual seria bissexual. Se a heterossexualidade não fosse obrigatória, esse primeiro amor não teria de ser suprimido, e o pênis não seria superestimado. Se o sistema de propriedade sexual fosse organizado de tal modo que os homens não tivessem direitos hegemônicos sobre as mulheres (se não houvesse a troca de mulheres) e se não existisse gênero, todo drama edípico não passaria de uma lembrança. [...] A organização do sexo e do gênero teve outrora funções que se estendiam para além dela mesma – ela organizava a sociedade. Agora, ela só se organiza e reproduz a si própria. (RUBIN, 1975, p.50)

Exposta a proposta de Rubin, mesmo que seja evidentemente árdua a tarefa feminista de buscar superar resquícios edipianos na cultura, esta seria uma saída possível para conciliar feminismo e psicanálise. Ainda que contrariando as intenções de Freud ao trabalhar o complexo de Édipo em seu edifício teórico, o psicanalista teria desenvolvido um operador de diagnóstico bastante útil para um investimento feminista, na medida em que situaria o Édipo entre as possíveis determinações da opressão de gênero no psiquismo humano e na cultura. Esta interpretação de Rubin possui uma carga de ironia, se levarmos em conta a consideração freudiana sobre a inabilidade das mulheres para questões públicas, justamente pela difícil saída do Édipo. A antropóloga aponta que “eles [Freud e Lévi-Strauss] não percebem as implicações do que dizem, nem a crítica implícita que sua obra pode suscitar quando submetida a um olhar feminista” (RUBIN, 1975,

p.10). A abordagem de Rubin pode ser entendida para além de uma *apropriação* feminista do conceito freudiano, mas como uma *subversão*, propriamente dita, no meu entendimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao inaugurar a psicanálise, é notável o esforço de Freud ao questionar a normalidade e, por consequência, o diagnóstico imediato e patologizante advindo da medicina daquilo compreendido enquanto desvio da normalidade. Esta nova abordagem proposta pelo psicanalista coloca em evidência a complexidade envolvida na formação psíquica de todo ser humano, sendo as patologias, portanto, diferenciadas daquilo considerado normal em função da intensidade dos fenômenos vividos e sentidos por cada indivíduo, através das dinâmicas entre inconsciente e consciente. Seu pensamento é irreverente em diversos aspectos e, por isso, suscitou e ainda suscita diversas críticas.

Entretanto, esta irreverência que marca suas obras não está presente nos apontamentos acerca da feminilidade. Pelo contrário, estes apontamentos reproduzem o conservadorismo histórico quando destina as mulheres aos mesmos destinos que a sociedade, em geral, já espera que lhes sejam próprios. A maternidade, um dos destinos descritos pelo autor, representaria a *normalidade* resultante de um bom desfecho para os conflitos psíquicos inerentes ao desenvolvimento feminino. Este seria, a meu ver, um bom exemplo deste aspecto conservador reproduzido por Freud em seus textos. Mais do que reproduzir, é possível perguntar em que medida essa forma de pensar o complexo de Édipo feminino não acaba por carregar pretensas justificativas para o lugar doméstico que se espera ser ocupado por mulheres.

Como vimos, para Freud, há um percurso para um homem vir a ser homem e um percurso, um tanto abstruso, para uma mulher vir a ser mulher. Consoante ao enredamento desse trajeto para a consolidação psíquica da feminilidade, as mulheres nunca gozariam das mesmas capacidades para a esfera ética (e, portanto, política) que os homens. Tudo aquilo próprio da vida pública seria atividade masculina, pois os homens representam a cultura na teoria freudiana. O próprio desenvolvimento psíquico dos homens, ou seja, um fator interno, lhes daria maiores habilidades (maior capacidade de sublimação e uma moralidade mais elaborada) para o debate público, enquanto as mulheres pouco poderiam agir contra a situação de opressão intrínseca à cultura patriarcal, visto que elas seriam fadadas a um lugar afastado deste debate, também fruto de um fator interno, próprio de seus desenvolvimentos enquanto mulheres.

Vale notar, além disso, o modo pelo qual Freud responde, em alguns de seus textos explorados neste trabalho, as críticas feministas. Para ele, essas críticas partiriam de uma recusa à passividade, ou seja, as feministas padeceriam do complexo de masculinidade que se manifestaria ao longo da vida das mulheres com uma certa frequência. Também vimos que o próprio autor postula que os homens se relacionariam com as mulheres ao longo da vida à luz do horror e do menosprezo, por compreendê-las como seres mutilados. Com isso, portanto, poderíamos inferir que seus apontamentos sobre as mulheres carregariam um lastro desses sentimentos de horror e menosprezo. Esta questão é de fato um impasse em seus argumentos e, apesar da sua tentativa de responder às possíveis críticas feministas, o autor não parece ter conseguido levar este impasse a uma boa resolução. Porque, se aceitarmos, por um lado, que aquilo que Freud empreendeu em sua teoria sobre a feminilidade estaria pautado em sua reação aos seres mutilados, própria de seu desenvolvimento enquanto homem, e se aceitarmos que as feministas partem de seu complexo de masculinidade para atacá-lo, por outro, então seria difícil encontrar um território legítimo para a discussão do mérito dos conceitos colocados em pauta.

A psicanálise freudiana, neste movimento indicado (de explicar o vir a ser, seja da mulher, seja do homem), efetua uma contribuição muito cara ao pensamento feminista, a saber, a ideia de que o sexo ou o gênero não é algo dado logo no nascimento, ou seja, biologicamente. Contudo, o autor recua à anatomia para justificar fenômenos psíquicos, a partir de uma comparação e valoração do pênis⁷. Outrossim, o abandono irrefletido do debate com a psicanálise poderia não ser produtor em uma empreitada pela igualdade de direitos, uma vez que o nascimento da teoria psicanalítica sobreveio da escuta de mulheres as quais acreditava-se serem acometidas por um problema de ordem médica. Inovadoramente, a psicanálise aduz sobre outro fator que estaria adoecendo especialmente as mulheres, o aspecto repressor da moral civilizatória cujas exigências incidiriam com maior vigor sobre elas.⁸

Dito isto, uma alternativa ao abandono da psicanálise seria um contato crítico com a obra de Freud, a meu ver. Então, ao encontrar na teoria do autor o ponto mais conflituoso em relação ao feminismo (o complexo de Édipo, pelos motivos vistos até aqui), caberia pensar alguns caminhos para enfrentá-lo numa

⁷ O argumento referente à supervalorização do pênis é bastante explorado por Simone de Beauvoir no capítulo “O ponto de vista psicanalítico” da obra “O segundo sexo – Volume 1: Fatos e mitos” (1949).

⁸ Cf. especialmente *A moral sexual ‘cultural’ e o nervosismo moderno* (FREUD, 1908/2015)

perspectiva feminista. Algumas possibilidades se apresentaram a partir das interpretações do complexo de Édipo exploradas no capítulo final deste trabalho:

1. Este complexo seria, segundo Estevão, o responsável pelo movimento da clínica psicanalítica à universalidade em psicanálise. Isto, porque, o Édipo passaria da análise clínica à teoria da cultura, sendo incontornável na totalidade das obras freudianas, de modo que deveríamos assumir o complexo e suas consequências tal qual descritas por Freud. Portanto, dificilmente o feminismo poderia aceder às suas conclusões sobre a feminilidade;

2. O Édipo poderia não ser compreendido como o fio condutor para se pensar a sexualidade, segundo Van Haute e Geyskens. A chave de leitura proposta pelos comentadores abriria ao feminismo a alternativa de contornar o complexo de Édipo. A antropologia clínica sugerida pelos autores também poderia apresentar outros problemas para um movimento em prol da igualdade de gênero. Estes novos problemas, se existirem, deveriam ser identificados e explorados para uma crítica feminista;

3. O complexo de Édipo seria um importante operador de diagnóstico da opressão de gênero, segundo Rubin. Portanto, assumir a teoria freudiana seria, malgrado as intenções do autor, o apontamento para as feministas de uma direção para a transformação social, por meio da superação dos resquícios edípicos da cultura.

De todo modo, pelos diversos desfechos apresentados aqui e pelos inúmeros debates entre estes campos teóricos, restam inúmeras questões a serem apuradas. Este trabalho visa ser, desde seu início, uma colaboração diligente neste ensejo.

5. BIBLIOGRAFIA

BEAUVOIR, S. (1949) “O ponto de vista psicanalítico”. Em: *O Segundo Sexo*. (Trad.: S. Millet) Volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

ESTEVÃO, I. R. *A Teoria Freudiana do Complexo de Édipo*. São Paulo: Escuta, 2017.

FREUD, S. (1900) *A interpretação dos sonhos*. (Trad. R. Zwick) Volume 1. São Paulo: L&PM, 2010.

FREUD, S. (1908) A moral sexual ‘cultural’ e o nervosismo moderno. In: *Obras completas*. Volume 8. (Trad. P. C. de Souza) São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, S. (1930). “O mal-estar na civilização”. Em: *Obras completas*. Volume 18. (Trad.: P. C., de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1931). “Sobre a sexualidade feminina”. Em: *Obras completas*. Volume 18. (Trad.: P. C., de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1933) “A feminilidade”. Em: *Obras completas*. Volume 18. (Trad. P. C. de Souza) São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1921). “Psicologia das massas e análise do Eu”. Em: *Obras completas*. Volume 15. (Trad.: P. C., de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1923). “O Eu e o Id”. Em: *Obras completas*. Volume 16. (Trad.: P. C., de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1924). “A dissolução do complexo de Édipo”. Em: *Obras completas*. Volume 16. (Trad.: P. C., de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1924). “A organização genital infantil”. Em: *Obras completas*. Volume 16. (Trad.: P. C., de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1925). “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”. Em: *Obras completas*. Volume 16. (Trad.: P. C., de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1913). “Totem e tabu”. Em: *Obras completas*. Volume 11. (Trad.: P. C., de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, S. (1905). “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Em: *Obras completas*. Volume 06. (Trad.: P. C., de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. (1982) *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MEZAN, R. (1985) *Freud, pensador da cultura*. 5ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MITCHELL, J. (1974) *Psicanálise e feminismo*. (Trad. R. B. Rocha) Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

NAKASU, M. V. L. (2007) *Sublimação, pulsão de morte e superego: o papel das teses freudianas sobre cultura na elaboração das concepções metapsicológicas*. São Carlos: UFSCar, 2009.

RUBIN, G. (1975) “O tráfico de mulheres”. Em: *Políticas do Sexo*. (Trad.: Jamille Pinheiro Dias). São Paulo: Ubu, 2017.

VAN HAUTE, P.; GEYSKENS, T. (2010) *Psicanálise sem Édipo? Uma antropologia clínica da histeria em Freud e Lacan*. (Trad.: Mariana Pimentel). Belo Horizonte: Autêntica, 2017

VAN HAUTE, P.; WESTERINK, H. “Introduction: Hysteria, Sexuality, and the Deconstruction of Normativity - Rereading Freud's 1905 Edition of the Three Essays on the Theory of Sexuality”. Em: FREUD, S. (1905) *Three Essays on The Theory of Sexuality*. (Trad. P. Van Haute e H. Westerink). *The 1905 Edition*. Londres: Verso, 2016.



THAÍS MARIANE SALGADO

**PLANO DE CURSO PARA DISCIPLINA DE
FILOSOFIA**

Plano de Curso de Filosofia para o ensino médio apresentado ao Colegiado do Curso de Filosofia, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Orientadora: Dr^a. Léa Silveira

LAVRAS – MG

2020

6. INTRODUÇÃO

Este curso foi planejado para a disciplina de Filosofia do currículo do Ensino Médio e terá como tema a relação entre indivíduo e sociedade, ou seja, o modo como a História da Filosofia aborda o indivíduo a partir das organizações coletivas. Tendo em vista que o número de aulas desta disciplina para as turmas de Ensino Médio é bastante limitado, apenas um roteiro sintético em torno desta discussão pode ser elaborado. Todavia, este trajeto breve não deve perder em qualidade, uma vez que a temática suscita importantes reflexões, tais como diversas linhas de pensamento sobre a natureza humana, a participação dos sujeitos nas organizações sociais, as finalidades destas organizações e as relações de poder envolvidas nas interações humanas.

Dito isto, a proposta deste plano de curso consiste em traçar um panorama histórico do tema, de Aristóteles a Sigmund Freud, passando por Thomas Hobbes, Jean-Jacques Rousseau e Karl Marx. As aulas foram pensadas para alunos do 2º ano do Ensino Médio, de modo que contemple as exigências curriculares das competências a serem exploradas neste estágio de formação.

7. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA DO CURSO

O curso será dividido em quatro módulos (um módulo por bimestre), cujos subtemas serão:

- Ética e política em Aristóteles;
- O Estado de Natureza e o Estado Civil em Hobbes e Rousseau;
- Trabalho e alienação em Marx;
- A cultura em Freud.

As metodologias das aulas serão aulas expositivas combinadas com atividades para assimilação de conteúdo e, no final de cada módulo, ocorrerá uma avaliação bimestral. Além disto, o terceiro módulo contará com a exposição de um filme.

8. CONTEÚDO E AVALIAÇÕES

Aula 1 – Apresentação do tema

Esta primeira aula terá por objetivo a discussão geral do tema, a partir de elementos levantados pelos alunos. A ideia é questionar, de antemão, quais as concepções de indivíduo e sociedade os estudantes têm e quais associações eles podem estabelecer. A princípio, buscarei partir daquilo que eles conhecem e com o que podem se identificar. A metodologia desta aula será uma investigação

dialógica. Para tanto, minha função será a mediação e o direcionamento da discussão, para que, no fim, seja possível apontar que alguns elementos fornecidos pelas alunas e alunos são correlatos aos argumentos presentes nas obras de alguns filósofos (em especial, aqueles que abordaremos ao longo do ano letivo. Além disso, esta aula servirá como um diagnóstico do contato prévio com a Filosofia que os alunos tiveram no ano anterior.

Aulas 2, 3, 4 e 5 – A Ética e a Política aristotélica

Neste módulo, os dois campos da filosofia prática de Aristóteles serão o tema, a Ética e a Política. É preciso abordar, em um primeiro momento, o que o filósofo compreende como finalidade humana, a Eudaimonia, normalmente traduzida por felicidade. Uma discussão sobre os sentidos deste termo também pode ser conveniente, tendo em vista que a assimilação da noção de Eudaimonia fica limitada a um sentimento ou uma emoção quando a traduzimos como felicidade. Isto não condiz, no geral, com o pensamento aristotélico, pois este conceito é vinculado também ao conhecimento advindo da vida contemplativa. De todo modo, é importante destacar que a Eudaimonia é o bem maior que cada um de nós visa (individualmente) e que todos nós visamos (coletivamente). Além disto, para Aristóteles, a finalidade de toda ação moral é, também, a Eudaimonia. Este bem que visamos teria, para o filósofo, seu aspecto individual (de cunho ético) e seu aspecto coletivo (de cunho político).

Para introduzir a questão política em Aristóteles é fundamental discutir a expressão *zoon politikon*, com a qual ele situa o homem como um animal político. Esta definição de homem é concernente à necessidade (material e psicológica) do ser humano de estabelecer relações, ou seja, para o filósofo os seres humanos teriam uma inclinação natural para se organizar em comunidades ou sociedades.

Dentre essas organizações, a primeira na qual nos inserimos, seria a família, cujo fim seria a continuação da espécie. Por uma questão evolutiva, as famílias se uniriam em tribos para a garantia de segurança e as tribos, por sua vez, expandiriam até a formação das polis. A finalidade deste tipo mais complexo de organização é o bem viver dos indivíduos, ou seja, o bem comum.

Uma organização complexa de indivíduos exigiria o estabelecimento de alguma forma de governo. A filosofia política aristotélica aborda as formas de governo a partir de número de governantes e o bem que determinado governo visa. Por exemplo, a monarquia e a tirania consistem na atribuição do poder a um único governante, entretanto, no primeiro caso, o monarca deveria considerar o interesse de seus súditos e, no segundo, o tirano visaria seus próprios interesses. O mesmo

aconteceria com a aristocracia e a oligarquia, a politeia e a democracia, diferenciadas pelo número de governantes e os interesses que buscam atender.

O ponto principal que deve ser salientado é que, para Aristóteles, a finalidade humana é a Eudaimonia, a felicidade ou o bem viver. As ações morais visam a Eudaimonia e, em um campo mais amplo, o da política, as organizações coletivas (a polis ou o Estado) devem ter por finalidade, também, o alcance deste bem comum.

Aula 6 e 7 – Avaliação bimestral e atividade para recuperação de notas

Após o encerramento do primeiro bimestre, no qual abordaremos a filosofia política de Aristóteles, os alunos farão uma avaliação valendo 25 pontos. Esta avaliação contará com apenas uma questão dissertativa. Todos os alunos deverão entregar, na data da avaliação, um relatório das aulas expositivas (no modelo dissertativo ou por tópicos). Este relatório poderá acrescentar até 10 pontos na nota final, sendo, por este motivo, também considerado como estratégia de recuperação para aqueles estudantes que, eventualmente, não alcancem a média de 60%. Estão previstas duas aulas para a avaliação porque ela ocorrerá em uma data e, na semana seguinte, será discutido o resultado das avaliações com as devidas observações gerais. Isto está estabelecido para todas as avaliações bimestrais.

Aula 8 – Contextualização histórica do contratualismo

Aulas 9, 10 e 11 – Hobbes

O primeiro ponto a ser abordado dentro da teoria hobbesiana é o jusnaturalismo, ou direito de natureza. A abordagem jusnaturalista parte da ideia de que todos os seres humanos nasceriam com liberdade total para fazer ou desejar algo. Ora, se este direito é comum a todos os seres humanos, bastaria que duas pessoas quisessem possuir o mesmo objeto para que um conflito fosse instaurado. Esta tensão latente entre possuir direitos ilimitados e, simultaneamente, reconhecer que todos os outros indivíduos também os possuem, geraria um estado de guerra, para Hobbes. Esta é a principal característica daquilo que o autor postula como o Estado de Natureza.

Sem definir marcos históricos, o filósofo desenvolve a narrativa fictícia de que os homens, no Estado de Natureza, viveriam com o medo constante de que se atentasse contra suas posses ou sua integridade física. A possibilidade de um ser

humano fazer e querer tudo, a qualquer custo, culminaria em relações animais e até bestiais.

Este estado adverso levaria os homens, segundo Hobbes, ao contrato social e à transição para a Sociedade Civil. Esta organização visaria o estabelecimento de leis que garantiriam a integridade de todos e a manutenção da ordem social. Quem deve impor e fazer cumprir estas leis é o Estado soberano, para o qual os indivíduos abdicam de seus direitos e os transferem para um governante. Esta abdicção dos direitos que ocorreria no contrato social aconteceria por necessidade e por temor do retorno da barbárie do Estado de Natureza. Para Hobbes, o governo da Sociedade Civil deveria ser centralizado na figura de um soberano, detentor do poder de criar leis e punir.

Aulas 12, 13 e 14 – Rousseau

Nestas aulas o destaque será para a diferença essencial na concepção de uma natureza humana entre os dois contratualistas selecionados para estudo neste curso. Se, para Hobbes, os homens no Estado de Natureza viveriam em situação de guerra, para Rousseau, os homens viveriam livres, solitários e felizes. Para este filósofo, os seres humanos são naturalmente bons, ainda que um julgamento moral não perpassasse essa sua hipótese. Esta bondade é relativa aos instintos, que são amorais, de satisfação das necessidades e prazeres básicos, de fuga da dor e da sensibilidade ou piedade para com o sofrimento dos pares.

Rousseau defendia que, em Estado de Natureza, os homens não almejavam nada além do necessário para a sobrevivência. A única desigualdade conhecida seriam as diferenças físicas, importantes para uma situação de conflito, a qual, para o autor, também só ocorreria em função da sobrevivência. Entretanto, por uma questão de evolução, organizações coletivas, como famílias e pequenas tribos vieram a se formar e, com isto, a necessidade da demarcação de território e o surgimento, então, da propriedade privada. Neste momento, a ambição e o egoísmo, que não eram presentes no Estado de Natureza até então, levam os homens a vivenciar um novo tipo de desigualdade, cujo resultado é o conflito ou um estado de guerra tal qual narrado por Hobbes.

Nesta mudança de cenário, portanto, ocorreria o primeiro contrato social, a fim de estabelecer a paz e a segurança. Todavia, o preço para a manutenção do privilégio de poucos detentores de propriedade privada seria a abdicção da liberdade de que todos os homens gozavam no Estado de Natureza. Como Rousseau defende ser impossível o retorno à situação anterior à instituição da

propriedade privada e do contrato social, o autor sustenta que um novo contrato deveria acontecer para resguardar a vontade geral, no intuito de minimizar a desigualdade social.

Aulas 15 e 16 – Avaliação bimestral e atividade para recuperação de notas

No final do segundo bimestre também ocorrerá uma avaliação valendo 25 pontos (uma questão dissertativa). A estratégia de recuperação de notas consistirá em uma questão extra na mesma avaliação, esta questão poderá aumentar até 10 pontos na nota final de todos os alunos, inclusive dos que já obtiveram média de 60%.

Aula 17 – Contextualização histórica e introdução ao pensamento de Marx

Aulas 18, 19 e 20 – Marx

O conceito de trabalho da teoria marxiana é fundamental para uma reflexão acerca das relações humanas, ou seja, ele atende diretamente ao objetivo principal deste curso. Em um primeiro momento, será exposta para os alunos a concepção de trabalho enquanto uma ação, um investimento de energia, incidente sobre a natureza, que a transforma para suprir alguma necessidade. Outros animais são capazes, por instinto, de empreender esta atividade. Entretanto, no caso dos seres humanos, o que nos caracteriza é o potencial para o trabalho criativo.

Então, as discussões em aula devem passar pelas transformações na relação entre os seres humanos e o trabalho, identificadas por Marx no contexto político e econômico que ele analisava. Ou seja, neste momento deve-se pontuar, a partir do advento do capitalismo, quais são as características dos trabalhadores e de sua produção observadas pelo autor. Neste contexto, será abordado o conceito de fetichismo da mercadoria e reificação. A finalidade da exposição destas aulas é alcançar o tema da alienação ou estranhamento, destacando seus quatro aspectos: 1) O estranhamento do trabalhador em relação ao produto de seu trabalho; 2) O estranhamento do trabalhador em relação à atividade produtiva; 3) O estranhamento do trabalhador em relação ao gênero humano; 4) O estranhamento do homem pelo homem.

Aulas 21, 22 e 23 – Recurso audiovisual

Apresentação e discussão do filme “Tempos modernos”(1936) de Charles Chaplin.

Aula 24 e 25 – Avaliação bimestral

Nesta data haverá a terceira avaliação bimestral com o valor de 25 pontos que consistirá em uma questão dissertativa sobre o conteúdo do módulo sobre Marx. A estratégia de recuperação de notas será uma redação a ser entregue na data da avaliação, a proposta é que os alunos façam uma crítica do filme “Tempos modernos” a partir dos conceitos trabalhados de Marx. Esta redação poderá aumentar a nota final em até 10 pontos.

Aula 26 – Contextualização histórica e breve introdução à psicanálise freudiana

Aulas 27, 28 e 29 – Freud

O conteúdo do último bimestre consiste em expor como a teoria psicanalítica freudiana compreende a relação entre indivíduo e cultura. Para isto, em um primeiro momento, ocorrerá a apresentação sintética da narrativa de “Totem e tabu”, compreendendo-a como um mito fundador da civilização ou da cultura. Nesta etapa, pretende-se abordar o sentimento de culpa na teoria freudiana.

Após este percurso, cabe evidenciar o modo segundo o qual os indivíduos introjetariam a moralidade e a cultura de acordo com a psicanálise de Freud. Para isto, é importante abordar a constituição do Supereu e sua função na relação entre indivíduos e coletividade.

Em seguida, a exposição partirá para a condição de possibilidade do convívio social. Para Freud, a cultura deve insistentemente conter as pulsões sexuais e de agressividade (relacionadas às pulsões de morte); este fator não incidiria sobre a constituição psíquica dos homens e das mulheres sem um preço, uma vez que a sexualidade e os impulsos destrutivos seriam inerentes aos indivíduos. Este preço seria vivenciado como um mal-estar.

Outro conceito psicanalítico que caberia ser pontuado é o conceito de sublimação. Para Freud, as pulsões sexuais podem encontrar outro destino, que não a sexualidade. Desta forma, as pulsões sexuais poderiam ser “sublimadas”, ou seja, direcionadas para a criação (artística ou intelectual). Assim, estas pulsões teriam um fim socialmente estimável.

Aula 30 e 31 – Avaliação bimestral e atividade para recuperação de notas

A última avaliação bimestral ocorrerá nesta aula e também será uma questão dissertativa valendo 25 pontos. Esta avaliação não contará com estratégia de recuperação parcial de notas, como as anteriores. No caso dos alunos que não obtiverem a média de 60% na nota final do ano letivo, poderá ser feita uma última avaliação sobre o conteúdo de qualquer um dos módulos (a critério do aluno). O resultado desta avaliação substituirá a nota da avaliação bimestral do módulo escolhido.

10.BIBLIOGRAFIA

ARANHA, M. L./ MARTINS, M. H. *Filosofando – Introdução à filosofia*. 4a. Ed. São Paulo: Moderna, 2009.

ARISTÓTELES. *A Política*, São Paulo: Atena Editora, sd.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. (Trad.: Mário da Gama Kury), Brasília: Editora UnB, 1985.

COTRIM, G./ FERNANDES, M. *Fundamentos de Filosofia*. 1a. Ed. - São Paulo : Saraiva, 2010.

FREUD, S. (1913). “Totem e tabu”. Em: *Obras completas*. Volume 11. (Trad.: P. C. de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, S. (1921). “Psicologia das massas e análise do Eu”. Em: *Obras completas*. Volume 15. (Trad.: P. C., de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1930). “O mal-estar na civilização”. Em: *Obras completas*. Volume 18. (Trad.: P. C. de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HOBBS, T. *Leviatã*. (Trad.: J. P. Monteiro e M. B. Nizza da Silva), Coleção “Os pensadores”. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. (1982) *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MARX, Karl. *O Capital*. Vol. 2. 3ª edição, São Paulo, Nova Cultural, 1988.

ROSSEAU, J. *O contrato social*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.